O Organizador Operário
Internacional
Porta-voz da Fração Leninista Trotskista Internacional - Nova Época

Parte 1
Vol. 3

Setembro 2010 - Valor R$ 2,00 / Solidário R$ 5,00

RESOLUÇÕES DO SEGUNDO CONGRESSO DA FLTI

As massas levantaram-se e lutaram contra o ataque dos capitalistas e seus governos, o saque do imperialismo e suas massacres contra revolucionárias

Bolívia

Dois políticas e dois caminhos para a classe operária mundial

Por um verdadeiro congresso internacional das Organizações Operárias de Luta

Peru

Não á reconciliação com o governo e o regime, assassino de trabalhadores e camponeses

Argentina

Abaixo o Estado assassino!

Teses de Pulacayo

Um programa revolucionário para a classe operária boliviana e para o proletariado dos países semi coloniais

Bolívia de pé junto aos Operarios Fabris de La Paz e a valente moção que fizessem no Conclat de Brasil contra o roubo da Revolução Bolivariana

Duas políticas e dois caminhos para a classe obreira mundial

Cabecera da mobilização dos trabalhadores fabris da La Paz.

Ou com os operarios fabris de La Paz enfrentando à burocracia sindical e a demagogia de “esquerda” de Morales e os governos bolivarianos expropiadores da revolução

Ou junto ao CONCLAT e ao Foro Social Mundial pendurados dos faldones da burguesia e a frente popular

Apresentação

Apresentamos neste Suplemento Especial de Democracia Obrera, editado em comum pela LTI de Bolívia e a LOI-CI de Argentina, uma proposta de documento à Federação Departamental de Trabalhadores Fabris de La Paz de Bolívia, dando-lhe continuidade à valente moção que os trabalhadores fabris fizessem ao congresso do CONCLAT de Brasil. Ali, chamaram a todas as organizações desse encontro a enfrentar às burocracias sindicais colaboracionistas e à demagogia de esquerda “” dos governos bolivarianos que, falando de defender aos trabalhadores, não lhe deram nada à classe obreira mais do que fome, paus, repressão e mortes. Todos os dirigentes no congresso do CONCLAT votaram na contramão da moção dos fabris de La Paz, argumentando que “não é o momento”, demonstrando assim que sua política a nível internacional é a de submeter à classe obreira à burguesia e a seus governos.

Hoje os trotskistas da FLTI tomamos a valente moção dos trabalhadores fabris de La Paz e lhes apresentamos este documento para que seja votado por eles e pelos mineiros revolucionários, como ontem o fizessem os mineiros com as Teses de Pulacayo, como

programa para o movimento obreiro boliviano. Para pôr em pé uma direção verdadeiramente revolucionária e internacionalista da COB e para que a classe obreira boliviana volte a pôr em pé a heróica revolução do 2003-2005 para conquistar o salário, o pão, o trabalho, a aposentadoria, a terra, os hidrocarbonetos e a independência nacional, e encabeçar uma única revolução proletaria em todo o continente Americano.

Editamos também neste suplemento as "Teses de Pulacayo" que foram apresentadas no ano 1946 pelos trotskistas cuartainternacionalistas aos mineiros bolivianos. Estas teses, baseadas no Programa de Transição da IV Internacional, foram aprovadas pela seção mineira de Llallagua e depois adotadas como Teses Políticas Centrais no Congresso da Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros de Bolívia (FSTMB) realizado em Pulacayo no ano 1946. Estas teses foram o programa do proletariado boliviano na heróica revolução de 1952, e foram adotadas imediatamente no mesmo ano pela Central Obrera Boliviana (COB), fundada ao calor mesmo da revolução. Este programa foi defendido e guardado como um tesouro nos desníveis das minas por gerações e gerações de trabalhadores do subsolo. O mesmo mantém sua total vigência e segue sendo uma guia de ação não só para a classe obreira boliviana, senão latinoamericana e mundial. Os dirigentes colaboracionistas da classe obreira, bem como também os renegados do trotskismo, falam em seu nome para pisoteá-lo, enterrá-lo e renegar dele na prática todos os dias, levando à classe obreira à impotência e a derrota.

O programa revolucionário das Teses de Pulacayo, resguardado durante décadas no mas profundo dos desníveis dos combativos mineiros, ficou hoje em mãos dos revolucionários da Fração Leninista Trotskista Internacional e nas mãos firmes dos combativos operarios fabris de La Paz que hoje enfrentam ao governo de frente popular de Evo Morales, seu pacto com a Média Lua fascista e às direções sindicais colaboracionistas da COB. O programa revolucionário da classe obreira boliviana ficou em mãos do trotskismo principista, dos operarios fabris e a baseie mineira que aperta os dentes contra a traição de suas direções.

Apresentamos aqui nosso aporte político e programático à vanguarda do proletariado boliviano e internacional no combate por um reagrupamento revolucionário e internacionalista da classe obreira, para derrotar ao imperialismo e a seus governos cipayos com os métodos da revolução proletaria.

A libertação dos trabalhadores será obra dos trabalhadores mesmos!

Proposta da FLTI aos Combativos Trabalhadores Fabris de La Paz e aos Mineiros Revolucionários de Bolívia

Por um verdadeiro Congresso internacional das organizações obreiras de luta, para romper toda subordinação à burguesía e seus governos e organizar um confronto unificado contra o imperialismo e seus agentes

1. Os trabalhadores fabris do La Paz vimos de dar uma forte luta por nossas demandas, pelo salário e a jubilación digno. Neste caminho nossa luta se viu enfrentada inevitavelmente com o governo de Evo Morales e seu pacto com a Média Lua fascista. **Este governo se tem de senmascaradocomo um vil servente das multinacionais**, que com discursos de "esquerda" desapropriou o combate revolucionário do 2003-2005 **. Este governo não lhe deu aos obreiros nem o trabalho, nem o pão, nem os hidrocarbonetos e aos camponeses pfaças não lhe deu a terra que segue em mãos da oligarquía. Pelo contrário, a quem luchamod sóo lhes deu paus, represión e mortes.**

Apoiados no programa revolucionário da classe obreira boliviana como são A Tese de Pulacayo, que declaran a guerra a morte contra a explotación, o capitalismo e o imperialismo e seus agentes ao interior de nossas organizações obreiras; a Federación Departamental de Trabalhadores Fabris de La Paz viajou a Brasil convidados ao congresso do Conclat (Comgreso da Classe Trabalhadora), em procura da unidade internacionalista com nossos irmãos de classe do mundo para enfrentar ao imperialismo com os métodos da revolución socialista.

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

WEB:
www.democraciaobrera.org

BLOG:
http://conscienciaeluta.blogspot.com

MAILS:
varnguarproleta@hotmail.com
fltinternational@ymail.com

Os dirigentes do "Congresso da Classe Trabalhadora" (Conclat) em Brasil recusam a moción dos trabalhadores fabris de La Paz

2. Este congresso de CONLUTAS e a Intersindical de Brasil e sua "Encontro internacional de CONCLAT" do 5 ao 7 de

junho, contou com a presença e participación de delegações de más de 20 países do mundo sob o chamado a "a unidade dos trabalhadores". No Encontro Internacional participaram organizações obreiras como Batay Ouvriere de Haiti, a Coordenadora Sindical de Equador, a Coordenadora pela Resistência de Honduras, a Coordinadora Sindical e dirigentes de judiciais de Colômbia, a TCC de Uruguai, a Mesa Coordenadora sindical de Paraguai, a UNT de Venezuela e um representante dos sindicatos de trabalhadores públicos de Grécia; estiveram también diferentes organizaciones políticas que se reclamam do socialismo como a Une Internacional dos Trabalhadores (LIT), uniu-an Internacional de Trabalhadores (UIT), Corrente Vermelha de España, o Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST) de Argentina, o Novo Partido Anticapitalistas francés, Socialist Action de EE.UU, o PSOL e PSTU de Brasil e Chukaku-tem de Japón.

No entanto, apesar da enorme quantidade de organizações e forças presentes, este congresso não foi uma alternativa revolucionária para os obreiros do mundo. Seus dirigentes **votaram na contramão do chamado dos trabalhadores fabris de La Paz de enfrentar *e desmascarar as "demagogias esquerdistas"* dos governos exploradores e masacradores da classe obreira como o de Evo Morales, Chávez em Venezuela ou Lula em Brasil,** argumentando que *"não é o momento"*. **Deixaram ao descoberto que todos eles são dirigentes como Morros da COB**, que sustentam a mesma política a nível internacional de submetimento da classe obreira à burguesía e seus governos. Comprendemos que votar na contramão da moción dos fabris é submeter-se ao governo de Evo Morales, Chavez, Lula, etc., liquidando assim toda independência de classes e unidade da classe obreira. A luta contra este governo e seus "demagogias esquerdistas" nos leva a enfrentar también a nossos inimigos ao interior das organizações obreiras que são as direções colaboracionistas nas que o governo de Evo Morales se apóia. Por isso largamos o grito de **¡ Fora da COB Morros traidor! ¡Fora de las organizações obreiras do mundo todas as direções colaboracionistas com a burguesía!**

Os fabris chamamos a todas as organizações de luta dos trabalhadores do mundo a que rompam toda subordinación a estes governos burgueses que se dizem "indigenistas", "socialistas" e sua farsa de "revolución bolivariana". É impossível conquistar nossas demandas sem enfrentar a estes governos que levam à derrota a luta dos trabalhadores, e garantem a superexplotación e o saque de nossas na cionespelas multinacionais. Negar-se a votar pela proposta dos trabalhadores fabris de La Paz, significa renegar da luta **pela revolución socialista, pelo governo obreiro e camponês, e pelo derrocamiento destes governos e seus regimené anti obreiros e serventes do imperialismo**.

Os trabalhadores fabris afirmamos **¡Abaixo os pactos antiobreros dos governos "bolivarianos" "indigenistas" com as multinacionais e o imperialismo em Bolívia, Ameirica Latina e o mundo! ¡Abaixo a farsa de a "revolución bolivariana"! ¡Viva a revolución socialista obreira e camponesa!**

Os dirigentes que votaram na contramão da proposta dos fabris de La Paz, são os mesmos que cercam a luta dos obreiros bolivianos e submeteram à burguesíá os setores más combativos do proletariado do continente Americano

3. A moción e nossa luta pelo salário, jubilación digno e as demandas obreiras, que enfrentou ao traidor Morros enquistado na COB, às direções colaboracionistas das organizaciones obreiras, e ao governo de Evo Morales, seu Constitución burguês e seu pacto com a Média Lua fascista; foi recusada por esses dirigentes do Conclat em Brasil. Negaram-se a desmascarar e enfrentar a demagogia das burguesías nativas demostrando que longe de apoiar o combate dos obreiros, pretendem cercar-nos para voltar a submeter-nos ao governo de Evo Morales e seu "revolución bolivariana" como o fizessem antes desde o "*Encontro Latinoamericano e Caribeñou dos trabalhadores - ELAC"* realizado no 2008 onde Pedro Montes foi presidente honorário. Este burócrata traidor sustentado internacionalmente pelo ELAC, subordinou à classe obreira boliviana ao governo burgués de Evo Morales e Linera que assassinou com suas Forças Armadas aos mineiros de Huanuni nos bloqueios de Caihuasi. Ante o levantamento fascista da Média Lua que massacrou aos obreiros e camponeses em Santa Cruz, no Plano 3000, em Beni e em Pando; **sustentou a Evo Morales negándose a que a classe obreira ponha em pie a milícia obreira para achatar à Média Lua e desapropriar às multinacionais que organizam e armam aos fascistas**. Assim ficou submetido o proletariado no Oriente sob as botas das bandas fascistas e o ejército banzerista, enquanto Evo Moralhes controla com puñou de ferro aos obreiros no Planalto e reprime suas demandas.

Mesa da dereção do ELAC em 2008

Assim, os fabris cremos que o Conclat se pôs na barricada oposta à revolución boliviano e seu grito de " ***¡Fora Gringos!"***, já que para "jogar aos gringos" devemos derrotar a seus serventes disfarçados de "indigenistas" e "bolivarianos". Estes señores do Conclat desde o luxuoso palco do congresso de Santos em Brasil, nada compreenderam do combate dos obreiros bolivianos. Ante a tentativa da burguesía encabeçada por Evo Morales de desviar os embates revolucionários do 2003 e 2005 com a demanda demagógica de subir as regalías do 30% ao 50%, os obreiros respondemos com o grito de " ***¡Nem 30 nem 50%, Nacionalización!" "¡Expropiación das transnacionales!"***, cobrándonos a cabeça do governo de Carlos Mesa em 2005. Os obreiros do Alto revolucionário e de La Paz, na revolución, aprendemos a enfrentar as demagogias da burguesía.

4. O Congresso do CONCLAT-ELAC, ao votar na contramão de emfrentar a *"demagogia das burguesías"*, votaram a favor do submetimento da classe obreira norteamericana ao *demagogo* açougueiro Obama**;** como fez a burocracia da central obreira AFL-CIO em EE.UU., que lhe significou ao proletariado pagar com hambre, milhões de demissões, miséria, desocupación e ruína, o salvataje dos bancos em crises. Foram Alan Benjamin e Clarence Thomas, dirigentes dos portuários de Oakland de Estados Unidos participes deste Congresso do ELAC junto a Pedro Montes, quem chamaram à classe obreira a apoiar a Obama e **puseram aos pés de sua própria burguesía imperialista ao más avançado da classe obreira norteamericana**, que convocando a duas greves gerais contra Bush no próprio corazón da besta imperialista había tomado em suas mãos a luta contra a guerra de Iraque e pelos direitos dos imigrantes.

Shafik Handal (El Salvador), Hugo Chávez (Venezuela), Fidel Castro (Cuba) e Evo Morales (Bolívia).

Por isso, ante o golpe militar **em Honduras** organizado por Obama faz já um añou, estes dirigentes se negaram a bloquear os portos para paralizar o envíou de armas à base militar ianque nesse país e garantir que éstas cheguem a mãos da heróica resistência hondureña, unindo à classe obreira do continente americano para enfrentar com os métodos da revolución proletaria o ataque contra as massas em Centroamérica.

Estas direções reformistas se subordinaram ao "frente democrático" do imperialismo e as burguesías bolivarianas, que como o covarde derrocado Zelaya em Honduras, à hora de enfrentar conseqüentemente ao imperialismou, terminou legitimando a "democracia" dos golpistas, deixando isolados e livrados a sua sorte aos obreiros hondureñvos que aún seguem sendo massacrados pelos golpistas.

Ante a ocupación militar de Haiti, negaram-se a lutar por pôr em pé serviço militarcias obreiras e brigadas obreiras internacionalistas de médicos, socorristas e combatentes, para ir na ajuda das massas e derrotar às tropas imperialistas ianques e européias de ocupación e aos ejércitos gurkas de Lula, Evo Morales e Kirchner, para derrotá-los e expulsá-los da ilha. Negaram-se a chamar –contra a ocupación militar- a desapropriar **o alimento e a propriedade dos capitalistas para que sobrevivam as massas martirizadas e explodidas de Haiti e Dominicana**. ¡Essa é a ajuda que necesitan nossos irmãos haitianos!

5. A crise mortal do capitalismo imperialista lhe tirou todos seus pontos de apoio ao reformismo, e propõe imperativamente a ruptura com a política reformista, lutando de forma revolucionária, como propõem as Tesis de Pulacayo, pela conquista do poder e a implantación do governo obreiro e camponês como único meio para derrotar ao capitalismo.

O congresso do Conclat sustenta – ao igual que Morros desde a COB- a política de "pressionar" e "exigir-lhe" às burguesías antiobreras para que "não ataquem aos trabalhadores". Assim, estes dirigentes em Brasil desde Conlutas e a Intersindical, **mantiveram todas as greves e combates parciais da classe obreira como lutas de presión sobre o governo**, **negándose a llamar a impor a greve geral** derrotando à burocracia da Central Única de Trabalhadores. Realizaram marchas para exigir que a burguesía vote uma lei proibindo as demissões. Propuseram pressionar a Lula para que nacionalize as fábricas que despedían obreiros por centos e milhares, quando é Lula quem encabeça este ataque.

Com esta mesma política internacional de submetimento do proletariado à burguesía país por país, **estes dirigentes terminaram sustentando os pactos contrarrevolucionarios de las burguesías nativas com o imperialismo**, **com os quais se cercou ao proletariado boliviano para estrangular nossa revolución de 2003-2005 e o combate antiimperialista da classe obreira de todo o continente**.

6. O voto dos dirigentes desse segundo congresso do ELAC contra a moción dos fabris de La Paz, foi um voto de submetimento às burguesías, em primeiro lugar a Obama ao que lhe exigem que *"retire aos embaixadores de Israel"* quando é quem sustenta e financia esse estado gendarme e genocida contra o povo palestino. Não enfrentar às burguesías nacionais e sua demagogia foi um voto a favor de Ao Fatah e das burguesías islámicas, que desde Egito negociam a rendición das massas palestinas e que a heróica Gaza reconheça ao estado sionista de Israel. É um voto a favor de fortalecer o cerco contra o povo palestino –como no 2003-2005 contra os obreiros bolivianos com a Cume e Contra Cume levada a cabo em Argentina- que lhe impuseram estas burguesías nativas, que são as encarregadas de gerir os privilégios que têm por administrar os campos de concentración onde está o martirizado povo palestino.

7. A burguesía internacional e o imperialismo montam um cerco a nosso combate **para que não se generalize a tudoe l proletariado latinoamericano e mundial rompendo com a burguesía .**Os dirigentes reunidos no congresso do Conclat se puseram ao serviço desta política; por isso votaram em nome de "a luta e unidade dos trabalhadores" **uma política de "exigencia" à burguesía "bolivariana", isto é de submetimento, contrária à luta que encabeçamos os trabalhadores fabris de La Paz.**

É o mesmo **cerco que sofrem as massas palestinas**, **o mesmo cerco que lhe impuseram ao combate das massas em Grécia** para que não se generalize a toda Europa numa única Greve Geral continental para que a crise realmente a paguem os capitalistas. Assim, subordinando à classe obreira à burguesía país por país, impedem um combate revolucionário generalizado de la smassas do mundo contra a bancarrota capitalista que ameaça arrastar aos explodidos à más cruel barbárie.

Os fabris dizemos: **¡Abaixo a colaboración de classes das organizações obreiras com a burguesía! ¡Abaixo o submetimento da classe obrera aos governos burgueses que cercam a luta dos fabris em Bolívia, do povo palestino e dos explodidos de Grécia!**

Para que a crise mundial a paguem os capitalistas: ¡Pelo triunfo da revolución socialista internacional!
¡Por um verdadero congresso obreiro internacional para pôr ao proletariado do continente americano de pé junto a seus irmãos de Grécia, Europa, EE.UU., Médio Oriente, Ásia e África para preparar uma luta unificada contra a bancarrota capitalista!

---

8 . Concientes que a burguesía é uma única classe a nível mundial que se coordena para achatar aos trabalhadores, os obreiros fabris de La Paz nos pomos a disposición de lutar pela unidade internacionalista do proletariado **chamando a organizar um verdadeiro congresso obreiro internacional de independência de classes e com democracia obreira.** "¡Proletarios do mundo univos!"

9. É necessário um congresso internacional das organizações obreiras revolucionárias para que o grito de guerra da revolución boliviana de: ***¡Fora gringos! ¡Espingarda Metralla, Bolívia não se cala!*** e ***¡O gás para os bolivianos!*** **¡Nem 30% nem 50%, nacionalización!**

Mobilização nas ruas da La Paz, Bolívia

seja o da classe obreira em China e toda Ásia, a classe obreira de Iraque e Afganistán, e os obreiros de Haiti e da classe obreira mundial. Já que *"¡Fora gringos!"* significa o chamado à **¡Expropiación sem pagamento e sob controle obreiro dos parásitos de Wall Street e os bancos dos imperialismos europeus! ¡Abaixo Obama, assassino dos povos oprimidos de Iraque, Afganistán eMed io Oriente!** ¡**Expropiación sem pagamento e sob controle obreiro das multinacionais e os banqueiros! ¡Esse é o programa para EE.UU., para Europa e para dar um impulso às massas revolucionárias de Grécia!**

10. Frente à profunda crise económica mundial, os capitalistas e seus bancos lhe declararam a guerra à classe obreira. Em España já começou o ataque contra os trabalhadores, igual que em Inglaterra e Portugal; nos países do este europeu se desenvolve uma quebra generalizada dos estados condenando às massas a penúrias inacreditáveis. Em Europa, onde em grande parte se esta jogando o destino da classe obreira mundial, os trabalhadores gregos están respondendo à bancarrota capitalista protagonizando já 6 Greves Gerais no que vai do añou, com mobilizações em massa e confrontos de rua contra a represión, garantidos por suas organizações de democracia direta. Os obreiros de Kirguistán já marcaram o caminho. Ante o aumento do

costro de vida num 200%, em abril de este añou, os trabalhadores e explodidos desarmaram à policía assassina, tomaram-se as comisarías, armaram-se e derrocaram ao governo de Bakiev como o fizemos os obreiros bolivianos em 2003 e 2005 com Goni e Mesa. **¡Esse é o caminho!**

11**. O combate dos obreiros fabris de Bolívia encontra a seus melhores aliados no combate do proletariado grego contra os governos imperialistas e na heróica revolución dos obreiros de Kirguistán**. Contra esta perspectiva, encabeçados pelos "Novos Partidos Anticapitalistas", reuniram-se a fins de maio na "Contra Cume de Madri" com os mesmos dirigentes do Conclat-ELAC de Brasil, os dirigentes reformistas europeus e lhe disseram aos explodidos de Grécia e Europa que *"não se pode derrocar aos gobiernvos burgueses"*, tal qual nos disseram em Brasil aos fabris. Dizem-lhes aos obreiros que **sóo se pode lutar *"por uma Europa forte e social"* pressionando aos governos antiobreros e masacradores da classe obreira**.

A unidade internacionalista da clase obreira não pode vir dos Congressos de dirigentes que pregam a "Europa Social" dos capitalistas. Sóo os obreiros españoles e franceses podem derrotar à Repsoly à Total, que juntas saqueiam os hidrocarbonetos bolivianos; os obreiros ingleses à Britsh Petroleum que junto à Exxon ianque sustenta e financiam à Média Lua fascista para que nos massacrem em Bolívia, combatendo por desapropriar a estas multinacionais imperialistas sem indemnización e poniéndolas sob controle obreiro. O triunfo da luta dos obreiros bolivianos e latinoamericanos, bem como dos explodidos de Médio Oriente e África, define-se em última instância no combate revolucionário da classe obreira de EE.UU., nas barricadas de Paris e Atenas, nas callé de Madri e Berlín.

Por isso nesses luxuosos congressos de Madri e Santos-Brasil não tiveram lugar as massas revolucionárias de Kirguistán, que se armaram, se autoorganizaron, e derrocaram ao governo de Bakiev; e hoje tentam ser achatados pela base militar ianque, as tropas russas e o exercito da "burguesía democrática" de Rosa Otunbayeva, que já massacraram a milhares de explodidos.

¡Somos uma só classe, uma mesma luta do proletariado internacional! ¡Abaixo todos os governos capitalistas que comandam o ataque contra a classe obreira! ¡Por uma greve geral continental no caminho de demolir à Europa imperialista de Maastricht e avançar para os Estados Unidos Socialistas de Europa!

12.No congresso do Conclat de Brasil esteve presente una delegación de sindicatos de Japón, mas esse congresso não lançou ningún programa revolucionário para os explodidos de Ásia e o Extremo Oriente que se encontram numa dura luta contra as multinacionais, o imperialismo, as maquilas e suas gobiernvos.

O látigo do capital está unindo a toda a classe obreira de Ásia sob terríveis condições de miséria e escravatura. É hora de que a unam os obreiros concientes e suas organizações revolucionárias.

Vemos as revoltas de Tailândia, na península de Indochina, onde centenas de maquiladoras japonesas lhe pagam 3 dólares diários aos camponeses desposeídois de suas terras, como o fazem em Coréia do Norte ou em China.

Não deixam de suceder-se enormes revoltas da classe obreira norcoreana contra o robo em massa das poupanças do povo, impulsionado pela burocracia restauracionista ou nova burguesía de esse país que afundou ao povo na fome generalizada.

A luta por salário, contra as demissões e a precarización trabalhista no Japón dos macacopolios imperialistas, poderá triunfar se a classe obreira japonesa ata seu destino ao triunfo dos combates que os obreiros já están dando em China, Coréia do Norte, Vietnã e Tailândia, todos explodidos por estes mesmos monopólios.

¡A igual trabalho, igual salário para os trabalhadores de Japón e de toda Ásia!, é de primeiro ordem para a unidade internacionalista da classe obreira em todo o Extremo Oriente, para enfrentar o ataque dos monopólios imperialistas.

O grito dos obreiros japoneses deve ser: "¡O inimigo está em casa!". Votemos em todas as organizações obreiras de Japón unir o combate contra o governo imperialista à luta de nossos irmãos de classe asiáticos que enfrentam os governos e regimenes das burguesías serventes do imperialismo yanky e japonés. ¡Abaixo o régemem das corporações e o governo do DPJ - Novo Partido do Povo-Rengo, sustentado pela socialdemocracia e o estalinismo! ¡Abaixo Hu Jintao e os mandarines "vermelhos" chineses! ¡Abaixo a burocracia esclavista de Coréia do Norte! ¡Abaixo o governo burgués restaurador de Vietnã! ¡Abaixo a monarquía e a ditadura militar de Tailândia! ¡Uma só classe, uma só luta! ¡Uma só revolución em todo o Extremo Oriente!

13.Os trabalhadores fabris de La Paz que lutamos pela unidade da classe obreira internacional afirmamos que: duas pontas de uma mesma soga da crise mundial están estrangulando aos explodidos do mundo. Em nome da "estabilización monetário" atiram o craque sobre os explodidos para qoue paguem a crise como vemos em Europa, e por outro lado em setores do planeta atacam às massas com inflación, carestía de a vida e superexplotación como em China, Argentina, Bolívia etc. Frente a isto, o programa da classe obreira mundial deve ser impor a **¡Escala móvil de salários e horas de trabalho! ¡Expropiación sem pagamento e sob controle obreiro de toda fábrica que fechamento ou despeça!**

14. **¡Há que voltar a pôr em pé a revolución latinoamericano!** para que volte a escutar-se o grito dos obrervos argentinos e suas jornadas revolucionárias de 2001 **"Que se vão todos e não fique nem um só"** dos padrões e seus políticos; **¡Espingarda, Metralla, Bolívia não se cala!; ¡Que voltem os trabalhadores portuários de EE.UU. em Oakland a bloquear os portos para que os ianques não podem enviar pertrechos a suas tropas em Iraque e Afganistán! ¡Que volte a comuna obreira e camponesa em Oaxaca-México!**; para assim poder derrotar ao imperialismo, suas bases militares em nosso continente e a seus governos cipayos. **Para que morra a Europa dos imperialistas e viva a unidade revolucionária e socialista da Europa dos trabalhadores.** Para que nos **unamos aos obreiros chineses** que lutam contra as multinacionais imperialistas como Honda com greves em todas suas plantas, como nas fábricas de Tonghua e Lingzou ajusticiando a seus padrões negreiros e contra a brutal explotación que sofrem no norte de China em mãos do selvagem capitalismo que hoje dirige o Partido Comunista desse país. Um congresso de unidade da classe obreira mundial para **romper a subordinación da classe obreira de Médio Oriente às burguesías islámicas; que em África rompa o cerco à revolución de Madagáscar e suas milícias obreiras, rompendo a subordinación do proletariado à burguesía negra** como começam a fazê-lo os obreiros têxteis em luta de Zimbabué e os obreiros ferroviários, da construcción e setores da base de soldados em Sudáfrica. **¡Nesta unidade internacionalista, os obreiros latinoamericanos e os trabalhadores fabrilhes de La Paz encontraremos as forças para triunfar!**

Marcha dos professores na La Paz, Bolívia

15**. ¡De pé junto ao povo palestino! ¡Brigadas internacionalistas das organizações obreiras para atirar abaixo o muro do oprobio de Rafah e o cerco contra a luta do povo palestino! ¡Pela destrucción do estado sionista fascista de Israel!** Precisamos um congresso obreiro internacional para chamar a todas as organizações obreiras do mundo a romper o cerco que lhe impuseram todas as *burguesías nativas "islámicas" de Médio Oriente com o imperialismo**. Não se pode combater o genocídio do imperialismo com proclamas vacías de "** *solidariedade com o povo palestino"* e *"boicote contra Israel"* como propõe o congresso de Brasil e o de Madri. É necessário pôr em pé uma **Assembléia nacional obreiro e camponesa Palestina e brigadas obreiras internacionais** para centralizar o combate e destruir ao estado sionista fascista de Israel. Estes dirigentes da conferência de Brasil-Santos novamente se negam a combater contra o fascismo e o ataque do imperialismo ao povo Palestino, como ontem se negaram a fazê-lo em Bolívia ante o ataque da Média Lua fascista.

Há que marchar desde Egito a derrubar o muro de Rafah e coordenar e centralizar à resistência Palestina. A classe obreira canetaviana deve levantar a demanda de *¡ Espingarda, metralla, Palestina não se cala!* **¡Pela destrucción do estado sionista fascista de Israel! ¡Pela derrota militar de todas as tropas imperialistas em Afganistán e Iraque! ¡Meio Oriente deve ser a tumba do imperialismo!**

¡Pela derrota das tropas imperialistas que ocupam Haiti! ¡Pela derrota das tropas dos governos de Bolívia, Argentina, Brasil e Venezuela que sustentam o massacre contra o povo haitiano! ¡Pela derrota do golpe militar proimperialista em Honduras! ¡Fora as tropas imperialistas de toda Ameirica Latina e o mundo!

16.¡Os trabalhadores do mundo devemos defender a Cuba contra o bloqueio imperialista, mas también devemos defender as conquistas da revolución do próprio gobiernou dos Castro e suas medidas procapitalistas que entregam a hotelería e o níquel às multinacionais e hoje ameaçam com jogar de seus trabalhos a um millón de obreiros!

17.Um verdadeiro congresso internacional para lutar como um só puñou por ¡ **Liberdade a todos os presos políticos do mundo! ¡Desprocesamiento de todos os lutadores obreiros e populares! ¡Por tribunais obreiros e populares para julgar e castigar a todos os responsáveis dos massacres contra os explodidos!**

18 . Precisamos um **congreso obreiro internacional que lute realmente pela independência de classe, a independência dos sindicatos do estado burgués e pela más amplo democracia obreira nas organizações de luta.** A unidade das filas obreiras que clama a base trabalhaiora no congresso de CONLUTAS-Intersindical não virá de negociados entre os dirigentes; estamos por pôr em pé **comitês de fábrica, empresa por empresa, com delegados removibles pela base**, sejam da central sindical que sejam. Esta é a experiência dos obreiros brasileros nos 70 'com

sua coordenadora nacional de fábricas, e da COB em 1952 e sua democracia revolucionária; é a democracia obreira que devemos voltar a conquistar em nossas organizações obreiras.

¡Abaixo os métodos das patotas de burócratas que utilizam a violência física para dirimir diferenças políticas!

Os obreiros fabris estamos por derrotar os métodos inficionados pelas direções colaboracionistas e burocráticas e dos partidos reformistas: de apalear opositores para liquidar a democracia obreira e a liberdade de expresión e pensamento ao interior das organizações obreiras. As organizações obreiras de Bolívia deram uma conseqüente luta contra os métodos dos burócratas; pronunciaram-se condenamdou a agresión do Grupo Quilombo Urbano (aliado ao PSTU) contra os jóvenes do Comitê pelo Voto Nulo – FT do Norte de Brasil. Estes métodos nefastos, envenenaram ao movimento obreiro internacional.

19 . ¡Abaixo as arbitragens e as conciliações obligatorias! ¡Fora as mãos do estado patronal das organizações obreiras! ¡Abaixo todas as leis burguesas que regulamentam cómo têm que se organizar os trabalhadores: os obreiros nos organizamos como nós queremos!

¡Abaixo a burocracia e a aristocracia obreira! ¡Abaixo o desconto compulsivo das quotas sindicais! ¡Basta de dirigentes vitalícios e milionários nos sindicatos: por dirigentes revogáveis em qualquer momento pelas assembléias de base, que ganhem o salário de um obreiro médio e que después de elogio um mandato, voltem a trabalhar! ¡Por direções revolucionárias e internacionalistas nos sindicatos e as organizações obreiras do mundo!

20 **. Desde a Federación Departamental de Trabalhadores Fabris de La Paz, chamamos** em primeiro lugar às bases das organizações obreiras reunidas em Santos-Brasil, e a todas as organizações de luta dos trabalhadores do mundo **a conquistar este Congresso Obreiro Internacional** para preparar, em base a este programa, uma luta ounificada da classe obreira contra a barbárie imperialista. **¡Para que a classe obreira mundial viva, o imperialismo deve morrer!**

¡Há que retomar o caminho das jornadas de Outubro de 2003 e Maio Junho de 2005!
¡Por um Bloco Obreiro Internacionalista!

Desde a FDTFLP chamamos à dirección e aos combativos trabalhadores do Magistério Urbano de La Paz, O Alto e Oruro a que lutemos juntos por este apelo internacional, e a que coordenemos já mesmo efetivamente nossa luta, **poniendo em pé um Bloco Obreiro Internacionalista** para lutar pelo programa que aqui apresentamos. Desta maneira convocar aos mineiros de base de todo o país, principalmente aos de Huanuni, a que rompam com suas direções e conformemos juntos esse Bloco Obreiro Internacionalista para conquistar uma dirección revolucionário da COB que é a única que pode levar adiante este programa para triunfar.

¡Congresso de base da COB JÁ! ¡Por uma dirección revolucionário internacionalista da COB!

Devemos conquistar desde as bases um verdadeiro congresso democrático da COB de delegados votados em assembléia de todas as organizações que compomos nosso ente matriz. *¡Abaixo Morros traidor, fora da COB!*

¡Salário básico vital e escala móvil de salários! ¡Por aumento geral de salários em base ao custo da canastra familiar! ¡Trabalho para todos! ¡Pela escala móvil de horas de trabalho! ¡Passe a planta permanente de todos os trabalhadores eventuais, contratados e precarizados! ¡Jubilación digno JÁ!

Comtra o saque das trasnacionales: ¡Fora gringos! ¡Expropiación sem pagamento de todas as multinacionais sob controle obreiro para garantir a verdadeira nacionalización dos hidrocarbonetos! ¡Nacionalización sob controle obreiro e sem indemnización de toda sas minas, oleodutos e gasoductos! ¡Nacionalización sem pagamento e sob controle obreiro do cerro Mutún!

¡Abaixo os ministros "obreiros" do governo burgués de Evo Morales! ¡Abaixo as arbitragens patronais obrigatórios!

¡Há que derrotar aos fascistas da Média Lua! ¡Abaixo o pacto do governo de Evo Morales com a Média Lua fascista! ¡A COB e todas suas organizações devem preparar-se para derrotar ao fascismo pondo em pé a milícia obreira e camponesa como em 1952! ¡Por comitês de soldados em lous quartéis que desconheçam à oficialidade assassina do ejército Banzerista e se unam com suas armas ao povo!

As direções colaboracionistas destruíram a aliança obreira e camponesa que habíamoos conquistado nas ruas nos combates de 2003 e 2005, e lhe permitiram ao governo de Evo Morales controlar as organizações dos camponeses pobres. ¡Há que voltar a conquistar a aliança revolucionária obreira e camponesa! ¡Expropiación dos grandes terratenientes! ¡A terra para os camponeses! ¡Expropiación da banca! ¡Banca estatal única sob controle dos trabalhadores para outorgar-lhe crédito barato aos camponeses arruinados para que tenham semente, tratores e fertilizantes!

¡Por um governo obreiro e camponês!

¡Por um congresso obreiro internacional de ruptura das organizações obreiras com a burguesía para enfrentar e derrotar ao imperialismo! ¡Para que a crise a paguem os capitalistas: pelo triunfo da revolución socialista internacional!

Secretariado de Coordinación Internacional
da Fracción Leninista Trotskista Internacional

TESES DO PULACAYO

TESE CENTRAL DA FEDERAÇÃO SINDICAL DE TRABALHADORES MINEIROS DE BOLÍVIA
(Aprovada sobre a base do projeto apresentado pela delegação de Llallagua)

Bolívia - Novembro de 1946.

1.- FUNDAMENTOS

1.- O proletariado, ainda na Bolívia, constitui a classe social revolucionária por excelência. Os trabalhadores das minas, o setor mais avançado e combativo do proletariado nacional, definem o sentido de luta da FSTMB.

2.- Bolívia é país capitalista atrasado, dentro da amálgama dos mais diversos estágios de evolução econômica, predomina qualitativamente a exploração capitalista, e as outras formações econômico-sociais constituem herança de nosso passado histórico. Desta evidência inicia o predomínio do proletariado na política nacional.

3.- Bolívia pese tem ser país atrasado só é um elo da corrente capitalista mundial. As particularidades nacionais representam em si uma combinação dos traços fundamentais da economia mundial.

4.- A particularidade boliviana consiste em que não se apresentou no palco político uma burguesia capaz de liquidar o latifúndio e as outras formas econômicas pré-capitalistas, de realizar a unificação nacional e a libertação do jugo imperialista. Tais tarefas burguesas não cumpridas são os objetivos democrático-burgueses que inadiavelmente devem realizar-se. Os problemas centrais dos países semicoloniais são: a revolução agrária e a independência nacional, isto é, a libertação do jugo imperialista, tarefas que estão estreitamente unidas as umas às outras.

5.- "As características definitivas da economia nacional, por grandes que sejam, fazem parte integrante, e em proporção cada vez maior, de uma realidade superior que se chama economia mundial; neste fato tem seu fundamento no internacionalismo operário." O desenvolvimento capitalista se caracteriza por uma crescente tonificação das relações internacionais, que encontram seu índice de expressão no volume do comércio exterior.

Milícia operária na revolução boliviana de 1952

6.- Os países atrasados se movem sob o signo da pressão imperialista, seu desenvolvimento tem um caráter combinado: reúnem ao mesmo tempo as formas econômicas mais primitivas e a última palavra da técnica e da civilização capitalistas. O proletariado dos países atrasados está obrigado a combinar a luta pelas tarefas democrático-burguesas com a luta pelas reivindicações socialistas. Ambas tampas - a democrática e a socialista - "não estão separadas na luta por etapas históricas senão que surgem imediatamente as unas das outras".

7.- Os senhores feudais têm amalgamado seus interesses com os do imperialismo internacional, do que se converteram em seus serventes incondicionais. Daí que a classe dominante seja uma verdadeira feudal-burguesia. Dado o primitivismo técnico seria inconcebível a exploração do latifúndio se o imperialismo não fomenta artificialmente sua existência arrojando-lhe migalhas. A dominação imperialista não se a pode imaginar isolada dos governantes crioulos. A concentração do capitalismo se apresenta em Bolívia num alto grau: três empresas controlam a produção mineira, isto é, o eixo econômico da produção nacional. A classe dominante é mesquinha na mesma medida em que é incapaz de realizar seus próprios objetivos históricos e se encontra unida tanto aos interesses do latifúndio como os do imperialismo, O estado feudal-burguês se justifica como um organismo de violência para manter os

privilégios do latifundiário e do capitalista. O Estado é um poderoso instrumento que possui a classe dominante para achatar a sua adversária. Somente os traidores e os imbecis que o estado tem a possibilidade de elevar-se acima das classes sociais e de decidir paternalmente a parte que corresponde a cada uma delas.

8.- A classe média ou pequena burguesia é a mais numerosa e, no entanto, seu peso na economia é insignificante. Os pequenos comerciantes e proprietários, os técnicos, os burocratas, os artesãos e os camponeses, não puderam até agora desenvolver uma política de classe independente e menos o poderão no futuro. O campo segue à cidade e nesta o caudilho é o proletariado. A pequena burguesia segue aos capitalistas em etapas de "tranqüilidade social" e quando prospera a atividade parlamentar. Vai por trás do proletariado em momentos de extrema agudização da luta de classes (exemplo: a revolução) e quando tem a certeza de que será o único que lhe assinale o caminho de sua emancipação. Nos dois extremos a independência de classe da pequena burguesia é um mito. Evidentemente, são enormes as possibilidades revolucionárias de amplas capas da classe média, basta recordar os objetivos da revolução democrático-burguesa, mas também é verdadeiro que não podem realizar por se sós tais objetivos.

9.- O proletariado se caracteriza por ter a suficiente força para realizar seus próprios objetivos e inclusive os alheios. Seu enorme peso específico na política está determinado pelo lugar que ocupa no processo da produção e não por seu escasso número. O eixo econômico da vida nacional será também o eixo político da futura revolução.

O movimento mineiro boliviano é um dos mais avançados de América Latina. O reformismo argumenta que não pode dar-se no país um movimento social mais adiantado que o dos países tecnicamente mais evoluídos. Tal concepção mecanicista da relação entre a perfeição das máquinas e a consciência política das massas foi desmentida inumeráveis vezes pela história.

O proletariado boliviano, por sua extrema juventude e incomparável vigor, por ter permanecido quase virgem no aspecto político por não ter tradições de parlamentarismo e colaboracionismo classista e, em fim, por atuar num país no que a luta de classes adquire extrema beligerância, dizemos que por tudo isto o proletariado pôde converter-se num dos mais radicais. Respondemos aos reformistas e aos vendidos à rosca que um proletariado de tal qualidade exige reivindicações revolucionárias e uma temerária audácia na luta.

II.- O TIPO DE REVOLUÇÃO QUE DEVE REALIZAR-SE

1.- Os trabalhadores do subsolo não insinuamos que devem passar-se por alto as tarefas democrático-burguesas: luta por elementares garantias democráticas e pela revolução agrária imperialista. Também não negamos a existência da pequena burguesia, sobretudo dos camponeses e dos artesãos. Assinalamos que a revolução democrático-burguesa, se não se a quer estrangular, deve converter-se só numa fase da revolução proletária.

Enquanto aqueles que nos assinalam como propugnadores de uma imediata revolução socialista em Bolívia, bem sabemos que para isso não existem condições objetivas. Deixamos claramente sentado que a revolução será democrático-burguesa por seus objetivos e unicamente um episódio da revolução proletária pela classe social que a acaudilhará.

A revolução proletária na Bolívia não quer dizer excluir às outras capas explodidas da nação senão a aliança revolucionária do proletariado com os camponeses, os artesãos e outros setores da pequena burguesia cidadã.

2.- a ditadura do proletariado é uma projeção estatal de dita aliança. A consigna de revolução ditadura proletária põe em claro o fato de que será a classe operária o núcleo diretor de dita transformação e de dito Estado. O contrário, sustentar que a revolução democrático-burguesa, por ser tal, será realizada pelos setores "progressistas" da burguesia e que o futuro estado encarnará a formula de governo de unidade e concórdia nacionais, põe de manifesto a intenção firme de estrangular ao movimento revolucionário no marco da democracia burguesa. Os trabalhadores uma vez no poder não poderão deter-se indefinidamente nos limites democrático-burgueses e se verão obrigados, cada dia em maior medida, a dar cortes sempre mais profundos no regime da propriedade privada, deste modo a revolução adquirirá caráter permanente.

Os trabalhadores mineiros denunciamos ante os explorados a quem pretendem substituir a revolução proletária com reuniões palacianas fomentadas pelos diversos setores da feudal-burguesia.

III. LUTA CONTRA O COLABORACIONISMO CLASSISTA

1.- A luta de classes é, em último termo a luta pela apropriação da mais-valia. Os proletários que vendem sua força de trabalho lutam em fazê-lo em melhores condições e os donos dos meios de produção (capitalistas) lutam por seguir usurpando o produto do trabalho não pago, ambos perseguem objetivos contrários, resultando estes interesses irreconciliáveis. Não podemos fechar os olhos ante a evidência de que a luta contra os patronos é uma luta a morte, por que nessa luta se joga o destino da propriedade privada. Não reconhecemos, contrariamente a nossos inimigos, trégua na luta de classes. A presente etapa histórica, que é uma etapa de vergonha para a humanidade, só poderá ser superada quando desapareçam as classes sociais, quando já não existam explorados e exploradores. Sofisma estúpido dos colaboracionistas que sustentam que não deve ir-se à destruição dos ricos, senão a converter aos pobres em ricos. Nosso objetivo é a expropriação dos expropriadores.

2.- Todo tentativa de colaboração com nossos verdugos, todo tentativa de concessão ao inimigo em nossa luta, é nada menos que uma entrega dos trabalhadores

à burguesia. A colaboração de classes quer dizer renunciar de nossos objetivos. Toda conquista operária, ainda a menor, foi conseguida depois de cruenta luta contra o sistema capitalista. Não podemos pensar num entendimento com os subjugadores por que o problema das reivindicações transitórias o subordinamos à revolução proletária.

Não somos reformistas, ainda que entregamos aos trabalhadores a plataforma mais avançada de reivindicações, somos, sobretudo, revolucionários, por que nos dirigimos a transformar a estrutura mesma da sociedade.

Os fabris da La Paz atacam ao Ministério do Trabalho

3.- Recusamos a ilusão pequeno-burguesa de solucionar o problema operário deixando em mãos do Estado ou de outras Instituições que têm a esperança de passar por organismos eqüidistantes entre as classes sociais em luta. Tal solução, ensina a história do movimento operário nacional e também internacional, significou sempre uma solução de acordo aos interesses do capitalismo e a costa da fome e da opressão do proletariado. A arbitragem obrigatória e a regulamentação dos meios de luta dos trabalhadores é, na generalidade dos casos, o começo da derrota.

No possível trabalhamos por destroçar a arbitragem obrigatória. Que os conflitos sociais sejam resolvidos sob a direção dos trabalhadores e por eles mesmos!.

4.- A realização de nosso programa de reivindicações transitórias, que deve levar-nos à revolução proletária, está subordinada sempre à luta de classes. Estamos orgulhosos de ser os mais intransigentes quando se fala de compromissos com os padrões. Por isto é uma tarefa central lutar e destroçar aos reformistas que pregam a colaboração classista, aos que aconselham apertar-se os cintos em aras da chamada salvação nacional. Quando existe fome e opressão dos operários, não pode ter grandeza nacional; isso se chama miséria e decrepitude nacionais. Nós aboliremos a exploração capitalista.

Guerra de morte contra o capitalismo! Guerra de morte contra o colaboracionismo reformista! Pelo caminho da luta de classes para a destruição da sociedade capitalista!

IV. LUTA CONTRA O IMPERIALISMO

1.- Para os trabalhadores mineiros luta de classes quer dizer, sobretudo, luta contra os grandes mineiros, isto é, contra um setor do imperialismo ianque que nos oprime. A libertação dos explorados está subordinada à luta contra o capitalismo internacional.

Por que lutamos contra o capitalismo internacional representamos os interesses de toda a sociedade e temos objetivos comuns com os explorados de todo mundo. A destruição do imperialismo é questão prévia à tecnificação da agricultura e à criação da pequena e pesada indústria.

Ocupamos a mesma posição que o proletariado internacional por que estamos empenhados em destruir uma força também internacional: o imperialismo.

2.- Denunciamos como inimigo declarados do proletariado aos "esquerdistas" alugados ao imperialismo ianque que nos fala da grandeza da "democracia" do Norte e de sua prepotência mundial. Não se pode falar de democracia quando são sessenta famílias as que dominam os Estados Unidos da América e quando essas sessenta famílias chupam o sangue dos países semicoloniais, como o nosso. À prepotência ianque corresponde uma descomunal acumulação e agudização dos antagonismos e contradições do sistema capitalista. Estados Unidos é a pólvora que espera o contato de uma só faísca para explodir. Declaramo-nos solidários com o proletariado norte-americano e inimigo irreconciliável de sua burguesia que vive da rapina, de incessante transformação do Estado num dócil instrumento em mãos dos exploradores. As posturas de "boa vizinhança", "pan-americanismo", etc., não são senão disfarces que utiliza o imperialismo ianque e a feudal burguesia crioula para enganar aos povos da América Latina. O sistema da consulta diplomática recíproca; a criação de instituições bancárias internacionais com dinheiro dos países oprimidos; a concessão de bases militares estratégicas para os ianques; os contratos leoninos sobre a venda de matérias primas, etc., são diversas formas da descarada entrega dos países sul-americanos por seus governantes ao imperialismo voraz. Lutar contra este entreguismo e denunciar toda vez que o imperialismo mostre a garra, é um dever elementar do proletariado.

Os ianques não se conformam com assinalar o destino das composições ministeriais, vão mais longe: tomaram para si a tarefa de orientar a atividade policial dos países semicoloniais, não outra coisa significa a anunciada luta contra os revolucionários anti-imperialistas.

Trabalhadores de Bolívia: Fortificai vossos quadros para lutar contra o rapaz imperialismo ianque!

V. LUTA CONTRA O FASCISMO

1.- Nossa luta contra o imperialismo tem que ser paralela a nossa luta contra a feudal-burguesia entreguista. O antifascismo se converte, na prática, num aspecto de tal luta: a defesa e consecução de garantias democráticas e a destruição das bandas armadas e mantidas pela burguesia.

2.- O fascismo é produto do capitalismo internacional. O fascismo é a última etapa de decomposição do imperialismo, mas, com tudo, não deixa de ser uma fase imperialista. Quando se organiza a violência desde o Estado para defender os privilégios capitalistas e destruir fisicamente ao movimento operário, encontramo-nos num regime de corte fascista. A democracia burguesa é um luxo demasiado caro, que somente países que acumularam muita gordura a costa da fome mundial podem dar-se. Em países pobres, como o nosso, por exemplo, os operários num momento determinado estão condenados a enfrentar-se com a boca das espingardas.

Pouco importa o partido político que tenha que recorrer a medidas fascistizantes para viver melhor os interesses imperialistas. Se se persiste em manter a opressão capitalista, o destino dos governantes está já escrito: a violência contra os operários.

3.- A luta contra os grupelhos fascistizantes está subordinada à luta contra o imperialismo e a feudal-burguesia. Os que, pretextando lutar contra o fascismo, entregam-se ao imperialismo “democrático” e à feudal-burguesia também “democrática”, não fazem outra coisa que preparar o caminho para a chegada inevitável de um regime fascistizante.

Para destruir definitivamente o perigo fascista temos que destruir o capitalismo como sistema.

Para lutar contra o fascismo, longe de atenuar artificialmente as contradições classistas, temos que avivar a luta de classes.

Operários e explorados em geral: Destruamos o capitalismo para destruir definitivamente o perigo fascista e os grupelhos fascistizantes! Somente com os métodos da revolução proletária e no marco da luta de classes poderemos derrocar o fascismo.

VI. A FSTMB E A SITUAÇÃO ATUAL

1.- A situação revolucionária do 21 de julho, criada pela irrupção à rua dos explorados privados de pão e de liberdade e a ação defensiva beligerante dos mineiros, imposta pela necessidade de defender as conquistas sociais conseguidas e conseguir outras mais avançadas, permitiu aos representantes da grande mineração montar sua maquinaria estatal, graças à traição e cumplicidade dos reformistas que pactuaram com a feudal-burguesia. O sangue do povo serviu para que seus verdugos consolidassem sua posição no poder. O fato de que a Junta de Governo seja uma instituição provisória não modifica em nada a situação criada.

Os trabalhadores mineiros fazem bem em colocar-se à expectativa frente aos governantes e exigir que obriguem às empresas cumprir as leis que regem o país. Não podemos nem devemos solidarizar-nos com nenhum governo que não seja nosso próprio, isto é, operário. Não podemos dar esse passo por que sabemos que o Estado representa os interesses da classe social dominante.

2.- Os ministros “operários” não mudam a natureza dos governos burgueses. Enquanto o Estado defende à sociedade capitalista, os ministros “operários” se convertem em vulgares proxenetas da burguesia. O operário que tem a debilidade de mudar seu posto de luta nas filas revolucionárias por uma carteira ministerial burguesa, passa às filas dos traidores. A burguesia cria aos ministros “operários” para poder enganar melhor e mais facilmente aos trabalhadores, para conseguir que os explorados abandonem seus próprios métodos de luta e se entreguem em corpo e alma à tutela do ministro “operário”.

A FSTMB nunca irá fazer parte dos governos burgueses, pois isso significaria a mais franca traição aos explorados e esquecer do que nossa linha é a linha revolucionária da luta de classes.

3.- As próximas eleições darão como resultado um governo ao serviço dos grandes mineiros, por algo será o produto de eleições que não têm nada de democráticas. A maioria da população, os indígenas e uma enorme percentagem do proletariado, pelos obstáculos que põe a Lei Eleitoral e por ser analfabetos, está impossibilitado de coincidir às urnas eleitorais. Setores da pequena burguesia, corrompidos por obra da classe dominante, determinam o resultado das eleições. Não nos fazemos nenhuma ilusão com respeito à luta eleitoral.

Os operários não chegaremos ao poder por obra da papeleta eleitoral, chegaremos por obra da revolução social. Por isto, devemos afirmar que nossa conduta frente ao futuro governo será a mesma que frente à atual Junta de Governo. Se se cumprem as leis, felicitações, para isso estão postos os governantes. Se não chegam a cumprir enfrentarão nossa mais enérgico protesto.

VII. REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS

Cada sindicato, cada região mineira, têm seus problemas peculiares e os sindicalistas devem ajustar sua luta diária a essas peculiaridades. Mas existem problemas que, por si sós, sacodem e unificam aos quadros operários de toda a nação: a miséria crescente e o boicote patronal que se fazem cada dia mais ameaçantes. Contra esses perigos a FSTMB propugna medidas radicais.

1.- Salário básico vital e escala celular de salários.- A supressão do sistema de mercado barato e a excessiva desproporção existente entre padrão de vida e os salários reais, exige a fixação de um salário básico vital.

Nota.- O Primeiro Congresso Extraordinário da FSTMB, complementando este ponto, lembrou lutar pela implantação da semana de trabalho de trinta e seis horas para mulheres e meninos.

O estudo científico das necessidades da família operária deve servir de base para a fixação do salário básico vital, isto é, do salário que permita a essas famílias levar uma existência que possa chamar-se humana.

Como sustentou o Terceiro Congresso Mineiro (Catavi-Llallagua, março de 1946), esse salário vital deve ser complementado com o sistema da escala celular de salários. Evitemos que a curva do alça dos preços não possa nunca ser atingida pelos reajustes periódicos de salários.

Ponhamos fim à eterna manobra de anular os reajustes de salários mediante a depreciação do signo monetário e pela elevação quase sempre artificial, dos preços dos meios de subsistência.

Os sindicatos devem encarregar-se de controlar o custo da vida e exigir às empresas o aumento automático de salários de acordo a dito custo. O salário básico, longe de ser estático, deve seguir à curva do aumento dos preços dos artigos de primeira necessidade.

2.- Semana de 40 horas de trabalho e escala celular de horas de trabalho.- A tecnificação das minas acelera o ritmo do trabalho do operário. A própria natureza do trabalho no subsolo converte a jornada de 8 horas em excessiva e que aniquila em forma desumana a vitalidade do trabalhador. A luta mesma por um mundo melhor exige do que em alguma medida se libere ao homem da escravatura da mina.

Por isto, a FSTMB lutará pela consecução da semana de quarenta horas, jornada que deve ser complementada com a implantação da escala celular de horas de trabalho. A única maneira de lutar eficazmente contra o perigo permanente do boicote patronal contra os operários, está em conseguir a implantação da escala celular de horas de trabalho na mesma proporção em que aumenta o número de desocupados. Tal diminuição não deve significar uma diminuição do salário, já que este é considerado vital necessário.

Somente estas medidas nos permitirão evitar que os quadros operários sejam destroçados pela miséria e que o boicote patronal aumente artificialmente o exercito de desocupados.

3.- Ocupação de minas.- Os capitalistas pretendem conter o ascendente movimento operário com o argumento de que estão obrigados a fechar suas minas em caso de ter perdas. Pretende-se pôr uma corda no

pescoço dos sindicatos apresentando-lhes o espectro dos funcionários públicos demitidos. Ademais, a paralisação temporária das explorações, demonstra-o a experiência, só serviu para procurar os verdadeiros alcances das leis sociais e para re-contratar os operários, sob a pressão da fome, em condições verdadeiramente vergonhosas.

As grandes empresas têm o sistema de dupla contabilidade. Uma para exibí-la ante os operários e pagar os impostos ao Estado e outra para estabelecer a quantia de dividendos. Não podemos ceder em nossas aspirações ante os algarismos dos livros de contabilidade.

Os operários que sacrificaram suas vidas em aras da prosperidade das empresas têm o direito de exigir não se lhes negue trabalhar, ainda em épocas que não sejam suaves para os capitalistas.

O direito ao trabalho não é uma reivindicação dirigida a tal ou qual capitalista em particular, senão ao sistema em seu conjunto, por isto não pode interessar-nos o lamento de alguns pequenos empresários quebrados.

Se os patronos se encontram incapacitados de outorgarem a seus escravos um pedaço mais de pão; se o capitalismo para subsistir se vê obrigado a atacar o salário e as conquistas atingidas, se os capitalistas respondem a toda tentativa reivindicativa com a ameaça do fechamento de suas instalações, não lhes fica aos trabalhadores mais recurso do que ocupar as minas e tomar por sua conta o manejo da produção.

A ocupação das minas por se mesma ultrapassa o marco do capitalismo, já que propõe a questão de saber quem é o verdadeiro dono das minas: os capitalistas ou os trabalhadores. A ocupação não se deve confundir com a socialização das minas, trata-se somente de evitar que o boicote patronal prospere, que os trabalhadores sejam condenados a morrer-se de fome. A greve com ocupação das minas se converte num dos objetivos centrais da FSTMB.

Por tais projeções, é evidente que a ocupação das minas adquire categoria de medida ilegal. Não podia ser de outro modo.

Um passo que desde todo ponto de vista supera os limites do capitalismo não pode encontrar uma legislação preestabelecida. Sabemos que ao ocupar as minas rompemos o direito burguês e nos encaminhamos a criar uma nova situação, que depois os legisladores ao serviço dos explorados se encarregarão de introduzí-la nos códigos e tentarão estrangulá-la mediante regulamentações.

O decreto supremo da Junta de Governo proibindo a apreensão das minas pelos operários não afeta nossa posição. Sabíamos que não é possível contar em tais casos com a colaboração governamental e

tendo a evidência de não fazer sob o amparo das leis, não nos fica mais recurso do que ocupar as minas sem direito a indenização alguma em favor dos capitalistas.

A ocupação das minas deve fazer surgir os Comitês de Minas, que devem formar-se com a participação de todos os trabalhadores, inclusive dos não sindicalizados. Os Comitês de Minas devem decidir os destinos da minas e dos operários que intervêm na produção.

Trabalhadores mineiros: ¡para recusar o boicote patronal OCUPAI As MINAS!

4.- Contrato coletivo de trabalho.- em nossa legislação o padrão pode escolher livremente entre o contrato individual e coletivo. Até a data e por que às empresas assim lhes interessa não foi possível levar à prática o contrato coletivo. Temos que lutar por que se estabeleça uma só forma de contrato de trabalho: o coletivo.

Não se pode permitir que a prepotência do capitalista enrole o trabalhador individual, incapaz de dar um livre consentimento ali onde a miséria do lar obriga a aceitar o mais ignominioso contrato de trabalho.

Aos capitalistas organizados, que fazem em comum acordo para extorquir ao operário mediante o contrato individual oponhamos o contrato coletivo dos trabalhadores organizados nos sindicatos.

a) O contrato coletivo de trabalho deve ser sobretudo, revogável em qualquer momento pela só vontade dos sindicatos; b) de adesão, isto é, obrigatório ainda para os não sindicalizados, o operário que vá contratar-se encontrará preestabelecida as condições pertinentes; c) não deve excluir as condições mais favoráveis que se tivesse conseguido mediante contratos individuais; d) sua execução e o contrato mesmo devem estar controlados pelos sindicatos.

O contrato coletivo deve tomar como ponto de partida nossa plataforma de reivindicações transitórias.

Contra a extorsão do capitalismo: CONTRATO COLETIVO DE TRABALHO!

5.- Independência sindical.- A realização de nossas aspirações será possível se somos capazes de liberar-nos da influência de todos os setores da burguesia e de seus agentes de “esquerda”. A sífilis do movimento operário constitui o sindicalismo dirigido. Os sindicatos quando se convertem em apêndices governamentais perdem sua liberdade de ação e arrastam às massas pelo caminho da derrota.

Denunciamos à Confederação Sindical de Trabalhadores de Bolívia (CSTB) como a agência governamental no campo operário. Não podemos confiar em organizações que têm sua secretaria permanente no Ministério de Trabalho e enviam a seus membros tem realizar propaganda governamental.

A FSTMB tem absoluta independência em relação com os setores burgueses, ao reformismo de esquerda e ao governo. Realiza uma política sindical revolucionária e denúncia como traição toda componenda com a burguesia ou com o governo.

Guerra de morte contra o sindicalismo dirigido!

6.- Controle operário nas minas.- A FSTMB apóia toda medida que tomem os sindicatos em sentido de realizar um efetivo controle dos operários em todos os aspectos do funcionamento das minas.

Temos que romper os segredos patronais de exploração, de contabilidade, de técnica, de transformação de minerais, etc., para estabelecer a direta intervenção dos trabalhadores como tais em ditos “secretos”. Já que nosso objetivo é a ocupação das minas, temos que nos interessar em sacar às claras os segredos patronais.

Os operários devem controlar a direção técnica da exploração, da contabilidade, intervir na designação de empregados de categoria e, sobretudo, devem interessar-se em publicar os benefícios que recebem os grandes mineiros e as fraudes que realizam quando se trata de pagar impostos ao Estado e de contribuir à Caixa de Seguro e poupança operária.

Aos reformistas que falam dos sagrados direitos do padrão, oponhamos a consigna de CONTROLE OPERÁRIO NAS MINAS.

7.- Armamento dos trabalhadores.- Dissemos que enquanto exista o capitalismo a repressão violenta do movimento operário é um perigo latente. Se queremos evitar que o massacre de Catavi se repita temos que armar aos trabalhadores. Para recusar às bandas fascistas e aos fura-greves, formemos piquetes operários devidamente armados.

De onde sacamos armas? O fundamental é ensinar aos trabalhadores de base que devem armar-se contra a burguesia armada até os dentes; os meios já se encontrarão. Esquecemos talvez que diariamente trabalhamos com poderosos explosivos?.

Toda greve é o começo potencial da guerra civil e a ela devemos ir devidamente armados. Nosso objetivo é vencer e para isso não devemos esquecer que a burguesia conta com exércitos, polícias e bandas fascistas. Corresponde-nos, pois, organizar as primeiras células do exército proletário. Todos os sindicatos estão obrigados a formar piquetes armados com os elementos jovens e combativos.

Os piquetes sindicais devem organizar-se militarmente e à brevidade possível.

8.- Bolsa pró-greve.- As empresas têm uma arma de controle dos mercados e nos miseráveis salários que obrigam os operários a não ter mais recursos do que as remunerações diárias. A greve tem seu pior inimigo na fome que sofrem os grevistas. Para que a greve chegue a feliz termo se tem que eliminar a adversa pressão familiar. Os sindicatos estão obrigados a destinar uma parte de seus rendimentos a engrossar a bolsa pró-greve, para poder, se for o caso outorgar, aos operários o socorro necessário.

¡Destruamos o controle patronal das greves mediante a fome, organizado de imediato bolsas pró-greve!

9.- Regulamentação da supressão do mercado barato.- Já dissemos que o sistema de mercado barato permitia aos patronos um enriquecimento indevido a costa do salário do trabalhador. A simples supressão do mercado barato não faz senão agravar a situação dos trabalhadores e se converte numa medida contrária a seus interesses.

Para que a supressão de mercado barato cumpra sua função deve exigir-se que o regulamento respectivo complemente dita

medida com a escala celular de salários e o estabelecimento do salário básico vital.

10.- Supressão do trabalho a "contrato".- As empresas, para burlar a jornada máxima legal e explodir em maior medida ao trabalhador, criaram as diversas modalidades de trabalho que se chamam "contratos". Estamos obrigados a romper esta nova manobra capitalista que se utiliza com fins de rapina. Que se estabeleça o único sistema de salário por jornada diária.

VIII. ACÇÃO DIRETA DE MASSAS E LUTA PARLAMENTAR

1.- Reivindicamos o lugar de preeminência que corresponde, entre os métodos de luta proletária, à ação direta de massas. Sabemos sobradamente que nossa libertação será obra de nós mesmos e que para conseguir dita libertação não podemos esperar colaboração alheias às nossas. Por isto, nesta etapa de ascensão do movimento operário, nosso método preferido de luta constitui a ação direta de massas e dentro desta a greve e a ocupação de minas. No possível evitemos as greves por motivos insignificantes, a fim de não debilitar nossas forças num só ponto. Toda greve deve nascer com a intenção de converter-se em general. Algo mais, uma greve de mineiros deve estender-se a outros setores proletários e à classe média. As greves com ocupação de minas estão à ordem do dia. Os grevistas desde o primeiro momento devem controlar os pontos finques da mina e sobretudo os depósitos de explosivos.

Declaramos que ao colocar em primeiro plano a ação direta de massas, não negamos a importância de outros métodos de luta.

Os revolucionários devem encontrar-se em todas partes onde a vida social coloque às classes em situação de luta.

2.- A luta parlamentar é importante, mas nas etapas de ascensão do movimento revolucionário adquire um caráter secundário.

O parlamentarismo para jogar um papel transcendental deve subordinar-se à ação direta das massas nos momentos de refluxo, quando as massas abandonam a luta e a burguesia se apropria dos postos que aquelas deixaram, pode o parlamentarismo colocar-se num primeiro plano. De um modo geral, o parlamento burguês não resolve o problema fundamental de nossa época: o destino da propriedade privada. Tal destino será assinalado pelos trabalhadores nas ruas. Conquanto não negamos a luta parlamentar, submetemo-la a determinadas condições. Devemos levar ao parlamento a elementos revolucionários provados, que se identifiquem com nossa conduta sindical. O parlamento deve ser convertido em tribuna revolucionária. Sabemos que nossos representantes serão uma minoria, mas também que se encarregarão de desmascarar, desde o seio mesmo das câmaras, as manobras da burguesia. E, sobretudo, luta-a parlamentar deve estar diretamente unida à ação direta de massas. Deputados operários e trabalhadores mineiros devem atuar sob uma só direção: os princípios da presente Tese Central.

Leon Trotsky, dirigente da revolução russa de 1917, comandante do Exército Vermelho revolucinário e fundador da IV Internacional

3.- Na próxima luta eleitoral, nossa tarefa consistirá em levar um bloco operário, o mais forte possível, ao parlamento. Recalcamos que sendo antiparlamentaristas não podemos deixar livre este campo a nossos inimigos de classe. Nossa voz se escutará também no recinto parlamentar.

¡Ante as manobras eleitorais dos traidores de esquerda, oponhamos a formação do BLOCO PARLAMENTAR MINEIRO!

IX. À CONSIGNA BURGUESA DE UNIDADE NACIONAL, OPONHAMOS A FRENTE UNICO PROLETARIO.

1.- Somos soldados da luta de classes. Dissemos que a guerra contra os exploradores é uma guerra a morte. Por isto destroçaremos toda tentativa colaboracionista nas filas operárias. O caminho da traição se abriu com as famosas frentes populares, isto é, as frentes que, esquecendo a luta de classes, unem os proletários, pequeno burgueses e alguns setores da mesma burguesia. A frente popular custou muitas derrotas ao proletariado internacional. A expressão mais cínica da negação da luta de classes, da entrega dos oprimidos a seus verdugos, do ponto culminante da degeneração das frentes populares é a chamada "unidade nacional". Esta consigna burguesa foi lançada pela boca dos reformistas. "Unidade nacional" significa unidade dos burgueses com seus serventes para poder maniatar aos trabalhadores. "Unidade nacional" significa derrota dos explorados e vitória da rosca. Não podemos falar de "unidade nacional" quando a nação está dividida em classes sociais empenhadas numa guerra morte. Enquanto existe o regime da propriedade privada só os traidores e os agentes a salário

do imperialismo, podem atrever-se a falar de "unidade nacional".

2.- À consigna burguesa de "unidade nacional" oponhamos a Frente Única Proletária (FUP). A unificação num bloco granítico dos explorados e dos elementos revolucionários é uma imperiosa necessidade para destroçar ao capitalismo que está unificado num só bloco.

Por que utilizamos os métodos da revolução proletária e porque não nos saímos do marco da luta de classes é que forjaremos o FUP.

3.- Para evitar as influências burguesas. Para converter em realidade nossas aspirações, para mobilizar as massas para a revolução proletária, precisamos a frente única proletária. Os elementos revolucionários que se identifiquem com nossas declarações fundamentais e as organizações proletárias (ferroviários, fabris, gráficos, motoristas, etc., serão muito bem recebidos na frente única proletário. Nos últimos dias a CSTB agita a consigna da frente de esquerdas. Até agora não se sabe com que fins se pretende formar essa frente. Se só se trata de uma manobra pré-eleitoral e se quer impor uma direção pequeno burguesa - é a CSTB- declaramos que nada temos que ver com tal frente de esquerdas. Mas, se se permitisse impor o pensamento proletário e seus objetivos fossem os que contempla esta tese. Iríamos com todas nossas forças a dita frente, que, em último caso, não seria senão mais do que uma frente com pequenas variações e diferente denominação.

Contra a rosca coligada numa só frente, contra as frentes que a diário vem criando o reformismo pequeno burguês, forjemos a FRENTE ÚNICA PROLETÁRIA!

X. CENTRAL OPERÁRIA.

A luta do proletariado precisa um comando único. Precisamos forjar uma poderosa CENTRAL OPERÁRIA. A história da CSTB ensina a forma em que devemos proceder para conseguir nossa tentativa. Quando as federações se converteram em instrumentos dóceis ao serviço dos partidos políticos da pequena burguesia, quando pactuaram com a burguesia, deixaram de ser representantes dos explorados. É nossa missão evitar as manobras dos burocratas sindicais e das capas artesanais corrompidas pela burguesia. Sobre uma base verdadeiramente democrática deve organizar-se a central dos trabalhadores bolivianos. Estamos cansados das pequenas fraudes para conseguir maiorias. Não vamos permitir que uma organização de uma centena de artesãos possa pesar na balança plebiscitária igual que a Federação de Mineiros que conta com cerca de sessenta mil operários. O pensamento das organizações majoritárias não deve ser anulado com o voto de organismos quase inexistentes. A percentagem de influência das diferentes federações deve ser determinada pelo número de filiados.

Deve ser o pensamento proletário e não o pequeno burguês o que prime na Central Operária.

Ademais, é nossa tarefa entregar a ela um programa verdadeiramente revolucionário que deve inspirar-se no que neste documento expomos.

XI. PACTOS E COMPROMISSOS.

1.- Com a burguesia não temos que realizar nenhum bloco, nenhum compromisso.

2.- Com a pequena burguesia como classe e não com seus partidos políticos, podemos forjar blocos e assinar compromissos. A frente de esquerda, a Central Operária, são exemplo de tais blocos, mas tendo cuidado de lutar porque o proletariado seja o diretor do bloco. Se se pretende que vamos a reboque da pequena burguesia devemos recusar e romper os blocos.

3.- Muitos pactos e compromissos com diferentes setores podem não ser cumpridos, mas, mesmo assim, são um poderoso instrumento em nossas mãos. Esses compromissos, se se os contrai com espírito revolucionário, permitem-nos desmascarar as traições dos caudilhos da pequena burguesia, permitem-nos arrastar às bases a nossas posições. O pacto operário-universitário de julho é um exemplo de como um pacto não elogio pode converter-se em arma destruidora de nossos inimigos. Quando alguns universitários desqualificados ultrajaram a nossa organização em Oruro, os trabalhadores e setores revolucionários da universidade atacaram aos autores do atentado e orientaram aos estudantes. Em todo pacto deve colocar-se como ponto de partida as declarações contidas no presente documento.

O cumprimento de um pacto depende de que os mineiros iniciem o ataque à burguesia, não podemos esperar que tal passo o dêem os setores pequeno burgueses. O caudilho da revolução será o proletariado.

A colaboração revolucionária de mineiros e camponeses é uma tarefa fundamental da FSTMB, tal colaboração é a chave da revolução futura. Os operários devem organizar sindicatos camponeses e trabalhar em forma conjunta com as comunidades indígenas Para isto é necessário que os mineiros apóiem a luta dos camponeses contra o latifúndio e secundem sua atividade revolucionária.

Com os outros setores proletários estamos obrigados a unificar-nos, a tal unificação devemos levar também aos setores explorados do ateliê artesanal: oficiais e aprendizes.

PULACAYO, 8 DE NOVEMBRO DE 1946.

Nota.- O primeiro congresso extraordinário da FSTMB ratificou o pacto mineiro-universitário assinado em Oruro - Bolívia o 29 de julho de 1946.

O programa proposto pelos mineiros e subscrito pelos universitários se baseou no lembrado no congresso mineiro de Catavi, que se realizou durante o governo de Villaroel e que ingressou à história como o terceiro de sua série.

Declaração da Liga Trotskista Internacionalista do Peru

O Peru profundo Operário e Camponês se levantou contra os planos de fome, entrega e miséria do imperialismo, do regime fujimorista, e o governo assassino Alan García

A um ano do massacre a mais de 200 trabalhadores e camponeses a mãos da polícia assassina de Alan García e o regime fujimorista do TLC (Tratado de Livre Comercio, NdT)

A 9 meses do cárcere de Pedro Condori e os lutadores da mina Casapalca

A 3 meses do massacre de cinco mineiros artesanais em Chala

A direção de Aidesep, da mão dos dirigentes da CGTP (Confederação General de Trabalhadores do Peru, NdT) e a esquerda reformista procura submeter às massas mediante a “reconciliação”, chorando como próprios aos polícias assassinos executados pelas massas em luta.

Nenhuma reconciliação com o governo e o regime assassinos de operários e camponeses!

Pela Libertação do Pedro Condori, Claudio Boza, os dirigentes mineiros da Casapalca, dos lutadores da Bagua!

Fim da perseguição judicial de Alberto Pizango e os mais de 1000 lutadores ajuizados!

Pelo direito inalienável dos operários e os camponeses pobres a defender-se do ataque do governo e o estado burguês! Os polícias assassinos justiçados pelas massas exploradas em luta, não são nossos mártires!

Por tribunais operários e populares para julgar e condenar aos responsáveis do massacre a mais de uma centena de camponeses na Bagua!

O massacre da Bagua

O 5 de junho de 2009, a polícia peruana armada até os dentes irrompeu na Curva "do Diabo" e na Estação 6 de Petroperú, no departamento da Amazonas tomadas pelos trabalhadores e camponeses pobres amazônicos desde março desse ano. Um desses destacamentos de assassinos foi desarmado por um piquete de camponeses que com essas armas defenderam o bloqueio, numa ação heróica e audaz que marca o caminho a todos os trabalhadores e o povo explorado peruano.

Enfrentando a entrega da selva às multinacionais, no marco do TLC entre o regime fujimorista e o imperialismo norte-americano, que ata à nação oprimida aos ditados do imperialismo estadunidense, os trabalhadores e camponeses pobres da Bagua numa aliança revolucionária com a classe operária soldada na luta, enfrentavam-se à entrega dos recursos da nação ao imperialismo, com bloqueios de carreteiras e a tomada de poços petroleiros, golpeando os interesses da burguesia peruana e seus sócios maiores, os imperialistas ianques, ingleses, espanhóis e franceses da Hunt Oil, Repsol e Totalfina.

Depois do 5 de junho, o exército entrou à região, atuando como na época da guerra suja. Durante 5 dias o exército atuou como uma "zona político-militar". E isto foi assim, já que a luta dos operários e camponeses da Bagua ameaçou com estender-se a tudo Peru e chegar à mesma capital: Lima. Bagua abriu uma verdadeira fase de guerra civil. Esta guerra civil se estendia para outros departamentos e outros setores operários em luta e ameaçou com golpear diretamente à capital, aprofundar-se e converter-se numa ação independente das massas que abrisse a revolução peruana. Este golpe dos operários e camponeses pobres da Bagua tinha deixado em crises ao regime e ao governo Alan García quem foi por isso a blindar-se com as forças armadas.

O confronto entre os camponeses pobres da Bagua e a Polícia assassina do regime fujimorista deixou um saldo de mais de cem camponeses assassinados e 23 dos assassinos executados pelos camponeses que exerceram seu legítimo direito a defender-se do ataque dos cães de presa do estado burguês peruano.

Encarceramentos e perseguição dos mineiros da Casapalca

Em outubro de 2008 enquanto bloqueavam a carreteira central, os trabalhadores da mina Casapalca se enfrentaram à polícia que tinha ido reprimi-los. No confronto morreu um capitão de polícia, devido ao desprendimento de uma pedra, enquanto eram perseguidos os mineiros entre os morros. Por isso o secretário geral do sindicato mineiro, Pedro Condori, o dirigente Claudio Boza, estão presos no cárcere da Aucallama, desde setembro de 2009, ou seja faz quase 9 meses. Eles foram intervindos na rua, sem ser-lhes avisado que se lhes tinha denunciado penalmente, depois de que se lhes tivesse citado no ministério de trabalho. Em março deste ano foi encarcerado o sub secretário geral do sindicato da Casapalca, Antonio Quispe. Afastados de seus familiares, pela lonjura do cárcere, isolados do apoio da Federação Mineira por obra de sua direção servente do regime, tal como denuncia o mesmo colega Condori, os colegas presos estão adoecendo-se devido aos maltratos e a situação desumana que vivem na prisão do regime fujimorista do TLC.

O massacre da Chala

Em abril deste ano os mineiros artesanais agrupados na Fenamurpe saíram a combater por defender seus postos de trabalho, ameaçados pelo governo. Ficaram isolados pela direção nacional da Federação Mineira, e da CGTP, quem se negaram a apoiá-los, pese a que a ameaça de ser reprimidos sanguentamente estava clara desde que dias antes o governo militarizara a zona enviando milhares de polícias e decretando o estado de emergência. O 4 de abril foram cercados pela polícia assassina, sendo massacrados na Chala, departamento da Arequipa, no momento que bloqueavam pacificamente a carreteira pan-americana. Cinco mineiros foram assassinados e 80 ficaram feridos, a só 10 meses do massacre da Bagua.

Os novos decretos repressivos e anti-operários do governo e o regime

Agora o governo agora sacou o fantasma de Sendero Luminoso para descarregar sobre os trabalhadores e o povo uma série de decretos bonapartistas. O primeiro que vão propor é anular de fato a autonomia universitária permitindo que o exército e a polícia entrem nas universidades por ordem do governo, e modificar a eleição e funcionamento do governo universitário, para gerenciar a privatização das universidades públicas. Sem dúvida o seguinte será endurecer ainda mais a legislação penal para reprimir aos trabalhadores e dar-lhe maior liberdade de ação às forças armadas e policiais, para conseguir o sonho dourado dos patrões, qualificar como "terrorismo" o que hoje é "motim", e poder julgar como "terroristas" aos lutadores de novas "Baguas e Ilaves", e encerrá-los em prisão de por vida. Aproveitam este momento em que graças ao água jogada em cima das lutas, o governo se salvou de uma greve

geral. O água jogada em cima se chama a "reconciliação" que a direção de Aidesep, da mão da direção da CGTP e a esquerda reformista, lanço a princípios de junho.

Uma "reconciliação" com os verdugos para jogar água ao fogo da luta contra a exploração do gás

O 5 de junho deste ano, a um ano do massacre da Bagua, a direção de Aidesep (Associação Interétnica de Desenvolvimento da Selva Peruana) que agrupa às organizações de etnias amazônicas, organizou uma cerimônia na que declararam "Mártires pela defesa da Vida na Amazônia do Peru" tanto aos nativos como aos polícias que perderam a vida aquele dia.

O governo Alan García e todas as instituições do regime fujimorista do TLC, assentado nos pactos contra revolucionários imposto no continente entre o imperialismo e as burguesias bolivarianas à cabeça de Castro, Chávez e Morales junto ao stalinismo e sustentados por esquerda pelos renegados do trotskismo, procuram impor aos camponeses pobres e aos operários da Amazônia peruana a reconciliação com a polícia assassina, reconhecendo como "seus mártires" aos assassinos executados pelas massas em luta. Tinha o papel de jogar-lhe água à luta dos trabalhadores e camponeses pobres do sul que se dispunham a entrar em luta contra o saque imperialista do gás da Camisea (Cusco).

Com esse fim, o presidente de Aidesep, Alberto Pizango, que depois do 5 de junho de 2009 deveu asilar-se em Nicarágua durante onze meses, acusado pelo regime fujimorista peruano por "apologia da sedição", fora a Bagua, proclamando que "lamento profundamente a perda de cada uma das vidas de meus irmãos polícias e nativos".

Duas pontas duma mesma corda para enforcar aos trabalhadores

É um fato que a burguesia peruana, como o faz toda a burguesia, aguçando sua visão, quer estrangular a luta dos trabalhadores e o povo explorado contra a burguesia e o imperialismo. Para isso usa dois agentes, por um lado o semi-bonapartismo com rasgos semi-fascistas que é o regime e o governo atual, que massacra como na Bagua e na Chala, encarcera dirigentes e lutadores e faz perseguição judicial, e decreta novas leis anti-operárias de repressão.

De outro lado usa ao setor bolivariano, conciliador, que lhe diz aos trabalhadores que o caminho para liberar aos presos e perseguidos, conseguir justiça pelos massacres e genocídios dos '80 e '90, passa por submeter-se à justiça burguesa, à Defensoria do povo, às comissões de negociação com os ministros e o parlamento, e por suposto, em eleger presidente a Humala, pois dizem que "solucionará tudo".

É o mesmo método que desprega em Palestina: subordinando à classe operária e os explorados aos pacifistas, e às burguesias árabes dirigidas por Egito, os quais lhes dizem às massas que se submetam e aceitem a legitimidade do estado sionista-fascista, porque senão virá uma ofensiva fascista, desarma-se a resistência, mantém-se a espoliação do território palestino pelo usurpador sionista-fascista. Da mesma maneira atuam ante a rebelião dos trabalhadores e juventude operária do Bariloche, levantando uma "multi-setorial" (uma "frente regional") com advogados, a igreja e setores patronais, dizendo que não se tomem nem queimem mais delegacias, senão que se façam tudo à via legal.

Contra a posição de "reconciliação", que fazer?

O estado não é um árbitro imparcial, como querem mostrá-lo os reformistas, senão é um instrumento da classe dominante. Enquanto reúne em suas mãos todo o poder, a burguesia tem mecanismos como o parlamento, a justiça, as forças armadas, com o fim de defender seus interesses e achatar a seus inimigos. Isso se viu na Bagua, no momento de ação, o estado burguês entrou a massacrar aos lutadores, instituiu um terror de classe, desaparecendo a 200 lutadores.

A vingança dos lutadores é justa, sagrada; a defesa de nossos irmãos de classe está acima de qualquer ilusão na "justiça" e o "equilíbrio" do estado e o regime ao serviço dos explorados. Os socialistas revolucionários defendemos incondicionalmente o direito sagrado das massas exploradas a defender-se do estado burguês assassino; defendemos sem nenhuma vacilação o direito irrestrito das massas à rebelião.

Contra a política de conciliação de classes dos reformistas que falam em nome da classe operária e as massas exploradas; contra os ex trotskistas que inficionam a consciência da classe operária com a fraseologia traidora de companheiro "polícia", "trabalhadores em uniforme", etc., os trotskistas, ao mesmo tempo lutamos pela libertação e o fim da perseguição de Alberto Pizango e de todos os dirigentes e lutadores amazônicos, de

Pedro Condori e os dirigentes da Casapalca e todos os lutadores operários e populares de Peru, defendemos incondicionalmente o direito inalienável dos trabalhadores e camponeses em luta de defender-se do estado burguês assassino.

Para conquistar a liberdade de Condori e Boza, e o fim da perseguição judicial de milhares de lutadores como Alberto Pizango, líder do Aidesep, pelo regime fujimorista do TLC, deve-se fazer a mais ampla unidade de ação com as organizações operárias e populares. É por isso que cremos que a campanha que impulsionam a Conlutas e a Intersindical do Brasil, a UNT venezuelana, os Fabris da La Paz-Bolívia, Batay Ouvrie do Haiti, a Coordenadora da resistência da Honduras, sindicatos do Uruguai, Equador, Colômbia, França, Grécia, agrupados no CONCLAT e seu Encontro Internacional de trabalhadores, em junho deste ano, pese às boas intenções de delegados de base nesse congresso, tem importância pelo apoio que recebeu de numerosos representantes de organizações vivas da classe operária, mais não é conseqüente. Porque esse congresso se opôs do encaminhamento proposta pelos fabris revolucionários da La Paz (Bolivia), que exigiram votar a denúncia e o combate contra os governos "bolivarianos". Isto é, nega-se a combater aos dois agentes com os que os patrões e o imperialismo querem enforcar nossas lutas, para apoiar ao setor bolivariano.

Chamamos a todos os sindicatos de bases que enviaram delegados a esse encontro a tomar como suas o grito de guerra dos Fabris da La Paz: desmascarar e combater aos governos bolivarianos, governos que não são outros que os Evo Morales, Chávez, Lula, Kirchner, e seus congêneres do Oriente Médio, Ahmadinejad, Hamas, Hezbollah, Al Fatah, a burguesia iraquiana que se converteu toda em colaboracionista, que é a única maneira por lutar por liberar aos presos do Guantánamo, Abu Graib, as prisões do estado de Israel, as prisões segredas da CIA, a milhares de lutadores antiimperialistas do Oriente Médio, aos milhares de lutadores que são perseguidos e assassinados pelos bolivarianos, como acaba de fazer a "progressista" Cristina Kirchner no Bariloche (Argentina).

Não impede nada a estas organizações a convocar ações de massas a nível continental e inclusive inter continental, pela liberdade dos presos e perseguidos por lutar contra o putrefato capitalismo, sob a bandeira dos fabris da La Paz: ***Combater aos governos "bolivarianos"!***

Mais uma ação no Peru decidida, que golpeie no poder central, será necessária para poder ver livres e sem acusações judiciais a nossos irmãos de classe. Só um combate encarniçado e sem quartel contra o regime fujimorista do TLC e seu quarto governo, Garcia, abrirá as portas das cárceres para Pedro Condori, os lutadores da Bagua, parará a ofensiva anti operária com decretos repressivos, privatizações, entrega do gás da Camisea ao imperialismo, e as fechasse para os verdugos García, Toledo, Fujimori, a alta oficialidade e seus colaboradores. Essa ação de massas esta ainda sobre o centro de mesa, é a GREVE GERAL DE MASSAS.

Abaixo a legislação repressiva do regime! Nenhuma reconciliação nacional com o governo Alan García, seu polícia e sua casta de oficiais assassinos de operários e camponeses pobres! Abaixo o governo assassino Alan García e o regime fujimorista do TLC, que ata à nação peruana ao imperialismo!

Pelo direito inalienável dos trabalhadores e os explorados em luta a defender-se do ataque por parte do aparelho repressivo do estado burguês! Por um comitê de autodefesa nacional, chamando aos soldados rasos a unir-se com suas armas a seus irmãos de classe, para derrotar à casta de oficiais assassinos! Dissolução da polícia repressora e assassina!

Abaixo a direção traidora da Federação Mineira, da CGTP, fora de nossas organizações de luta! Por um Congresso nacional de delegados operários, camponeses pobres, estudantes, que unifique a todos os setores em luta, que organize e centralize as forças para uma greve geral!

Pela imediata libertação e fim da perseguição dos lutadores operários e populares! Por tribunais operários e populares para julgar e condenar os responsáveis do assassinato a mais de 200 trabalhadores e camponeses na Bagua!

Por um governo operário e camponês baseado nas organizações de luta da classe operária e camponesa, que, sobre as ruínas do estado burguês semi-colonial, servente do imperialismo, garanta trabalho, salários dignos, saúde, educação para a classe operária, e a terra para o camponês pobre! Este é o único governo que pode garantir a ruptura com o imperialismo e a revolução agrária.

LIGA TROTSKISTA INTERNACIONALISTA DO PERU
INTEGRANTE DA FLTI

MASSACRE OPERÁRIA NO BARILOCHE...

ABAIXO O ESTADO ASSASSINO E SEU PLANO DE EXTERMÍNIO CONTRA A JUVENTUDE OPERÁRIA!

Viva o direito da juventude e os trabalhadores a revelar-se contra o massacre patronal!

O passado 16/6 o estado assassino se cobrou uma nova vida da juventude operária, a de Diego Bonefoi de 15 anos, fuzilado pela polícia do Rio Negro no bairro Boris Furman no Alto do Bariloche operário. A resposta de todo o bairro não se fez esperar. Centos de jovens e trabalhadores ganhamos as ruas para repudiar semelhante crime e defender-nos da polícia do "gatilho fácil", com quem nos enfrentamos numa verdadeira batalha campal com nossos piquetes e barricadas. Inclusive os explorados do Alto prenderam fogo em defesa própria esse bunker de assassinos da delegacia 28, desde onde saíam às rajadas de balas de chumbo.

Ante isto a polícia e os assassinos do grupo especial BORA desataram uma superior e brutal repressão onde assassinaram covardemente a Nicolás Carrasco de 16 anos e a Sergio Cárdenas de 29 anos, deixando mais de uma dúzia de feridos, muitos jovens detentos e a todo o Alto aterrorizado. **Basta de mortes operárias! Abaixo o estado assassino!**

Semelhante massacre comandada pela cúpula policial, o intendente Cascón e o governador gorila Saiz (UCR), apoiados desde o governo Kirchner, redobrou nosso ódio de classe. Ao outro dia voltamos a protagonizar uma enorme revolta, esta vez no centro da cidade contra o poder político. Novamente sofremos a repressão desses cães de presa, guardiões dos interesses dos monopólios petroleiros e o turismo internacional, que eram aplaudidos por toda a burguesia e seus políticos, pela Câmara de Comércio e setores das classes meias do Bariloche, que abriam seus lojas para que a polícia continue atirando contra os jovens e operários.

Desta maneira, com um grande instinto de classe, os explorados do Alto nos defendemos do plano de extermínio do estado burguês, a patronal, o governo, os políticos da "oposição" e seu maldito regime do Pacto Social. Numa magnífica revolta com os métodos operários de luta respondemos contra os exploradores que continuam massacrando com o "gatilho fácil" à juventude trabalhadora de todo o país e também metendo "o paco" (craque, NdT) nos bairros operários, com o objetivo de descompor e eliminar setores inteiros da juventude que sobram como mão de obra no processo produtivo, e para que os jovens operários não nos rebelemos contra a miséria e a fome aos que nos condena a patronal.

A pérfida política de colaboração de classes da Multi-sectorial.
Basta de conciliar aos explorados com seus verdugos!

A valente resposta dos explorados do Bariloche ante esta ofensiva patronal contra todo o movimento operário, é continuidade da luta que vêm de protagonizar os operários da alimentação, os docentes do Neuquén e os piqueteiros do Norte de Salta por trabalho digno e contra o Pacto Social e seus negociações salariais "enganosas", e é também parte do combate dos operários fabris bolivianos da La Paz, contra a burocracia da COB e o governo assassino do Evo Morales. É por isso que milhares e milhares de jovens e operários de todo o país sentiram como próprio o combate que livramos desde Alto e ansiavam entrar à luta junto conosco.

A grande patronal era muito consciente disto e por isso, enquanto desde a prefeitura e o Conselho Deliberante comandavam a repressão, pôs em pé a "Multi-sectorial contra a repressão" com vereadores do ARI e a Frente Grande… os mesmos que assinaram a solicitada com o prefeito e o resto do Conselho Deliberante exigindo-lhe ao governo estadual e aos Kirchner que enviem a gendarmería (Polícia Militar, NdT) para restabelecer "o ordem e a paz social"!

A política desta Multi-sectorial, onde também se reuniram setores da Igreja o kirchnerismo, a CTA, ATE, PCR-CCC, MST, PO, MST, IS e PTS, foi num primeiro momento "exigir-lhe" ao governo que freie a repressão -ao mesmo governo que comandou o massacre contra os explorados- e na hora volcar-se sobre os familiares e jovens do Alto para convencê-los que o castigo para os assassinos de nosso mártires viria da mão da justiça patronal corrupta e sua casta de juízes videlista-peronista-radicais, que é a que tem preso a Martino e a mais de 5.000 lutadores operários e populares processados.

Lamentavelmente, todas as organizações operárias se subordinaram à política da Multi-sectorial em todo o país. Enquanto os pelegos da CGT apoiavam e sustentavam ao Intendente e aos exploradores da Câmara de Comércio, a burocracia da CTA recém depois de uma semana da massacre, e ante a bronca crescente da

base, chamou à greve estadual e a uma mobilização no Bariloche onde entregaram um abaixo assinado nos tribunais burgueses para "exigir justiça". Estes burocratas da CTA voltaram a atuar ao igual que na luta docente de 2007 onde teve que cair morto (o docente) Fuentealba, para que se dignem a chamar à greve nacional. Esta vez teve que ter 3 jovens mortos e os explorados ganhar as ruas para que estes burocratas saiam de suas cômodas e luxuosos escritórios e chamem a alguma medida de luta.

Nico Carrasco e Sergio Cárdenas, assassinados pela polícia

Também foi o caso da esquerda reformista que ao subordinar-se à política de colaboração de classes da Multi-sectorial, impediram que surja um organismo de independência de classe, uma coordenadora de todas as organizações operárias e de estudantes combativos do Rio Negro para romper o isolamento, pôr em pé comitês de autodefesa para que os explorados se defendam da repressão do estado e impor a Greve Geral estadual, que era a única maneira de parar a ofensiva patronal. A esquerda reformista impediu esta perspectiva e foi parte da política de subordinar aos explorados aos pés das instituições burguesas. Desgraçadamente, reeditaram uma vez mais a política que aplicaram em 2007 na luta docente do Neuquén. Ali, ao igual que agora, propuseram que "tinha que continuar na justiça" a luta por que o assassinato de Fuentealba não fique impune e chamavam aos trabalhadores a unir-se "contra Sobisch" (Governador do Neuquén durante a Greve docente de 2007 donde foi assassinado Fuentealba, NdT) com os políticos patronais "opositores".

Estas organizações se negaram a pôr todo o peso das dezenas de organizações operárias arrancadas à burocracia, movimentos piqueteiros e centros e federações estudantis que dirigem e influenciam, quando estava proposto que todas estas organizações enviem seus delegados a Bariloche para romper o isolamento imposto aos explorados do Alto, centralizar a nível nacional o combate contra os exploradores e assim começar a criar as condições para organizar a Greve geral nacional, contra a repressão, a carestia da vida, a burocracia e suas negociações salariais, o desemprego e por todas as demandas do movimento operário. Esta foi a nova oportunidade que perdemos o passado 26/06 no ato pelo aniversário da massacre do Avellaneda, onde milhares de trabalhadores desempregados batalhavam por lutar juntos com os explorados do Alto, mais uma vez estas organizações se negaram a desenvolver esta perspectiva.

Rompamos o isolamento dos jovens do Alto!

A imposição da política de colaboração de classes da Multi-sectorial impede que os explorados do Alto respondamos à ofensiva burguesa com os métodos da classe operária e rompamos nosso isolamento. Isto é o que da força à polícia, que continua torturando seletivamente aos jovens dos bairros operárias, como a Marcos Huechullan que foi seqüestrado pela polícia durante várias horas. E é o que fortalece aos setores proto fascistas que levantam cabeça no Bariloche, com suas marchas pelo centro da cidade a favor da polícia e contra a "insegurança". E a nível nacional lhe aplana o caminho à patronal, o governo, a oposição e o estado para que aprofundem seu ataque anti-operário.

Assim enquanto os proto fascistas reforçam o campo da reação, os pacifistas da Multi-sectorial se encarregam de impedir uma resposta independente da classe operária para obrigá-la a que se renda ante seus verdugos.

Basta! Os jovens e trabalhadores do Alto não podemos seguir isolados a graça da repressão policial. O primeiro passo é que todas as organizações operárias rompam sua subordinação à burguesia e ponham todas suas forças contra os gorilas da UCR e os Kirchner, assassinos de Rodríguez, Verón, Choque, Kostequi, Santillán, os 40 assassinados do 20 de dezembro de 2001 e centos de mártires operários. A morte dos jovens Bonefoi, Carrasco e Cárdenas não pode ficar impune!

Que todas as organizações que se reclamam da classe operária rompam com a política da Multi-sectorial e marchem já a coordenar-se com os explorados do Alto. Todas as forças a pôr em pé a III Assembléia Nacional Piqueteira de trabalhadores empregados e desempregados para organizar a greve geral! Por Comitês de Autodefesa de todas as organizações operárias! Tribunais operários e populares para julgar e castigar a todos os assassinos de nossos jovens, à polícia, Cascón, Saiz e os Kirchner que os apóiam e encobrem! Dissolução de todas as forças repressivas do estado e sua substituição por comitês de vigilância operários!

Argentina

ABAIXO O ESTADO ASSASSINO!

E seu plano de extermínio contra a juventude operária Viva o direito dos trabalhadores e da juventude explorada a sublevar-se contra o massacre do Estado e a patronal!

No Bariloche a polícia assassina de Rio Negro fuzilou a sangue frio de um tiro na cabeça ao jovem Diego Bonefoi de tão só 15 anos. Milhares de estudantes e jovens operários ganharam as ruas enfrentando, em defesa própria, a esse bunker de assassinos da delegacia 28, numa verdadeira revolta e batalha campal contra a polícia assassina do "gatilho fácil", que respondeu com uma sangrenta repressão, assassinando a Nicolás Carrasco (16 anos) e Sergio José Cárdenas (29 anos), deixando quatorze feridos e um número indeterminado de jovens desaparecidos e detentos.

Os cães de guarda da patronal correram com armas na mão e aos tiros aos trabalhadores e jovens, é que estão para custodiar ao turismo internacional e aos gerentes das petroleiras predatórias as mesmas que reprimiram aos piqueteiros de Mosconi, torturaram e encarceraram aos operários da Las Heras e massacram às massas de Oriente Médio e do mundo inteiro com suas guerras do petróleo.

Assim, com tiros, massacres, repressão, desocupação e "o paco" (craque), o governo dos Kirchner, a oposição gorila e seu regime infame do "Pacto Social", ataca à juventude explorada para que não se rebele contra a fome e a miséria. Há milhares de operários processados em todo o país e dezenas de presos políticos. Enquanto, os ex presidentes como Duhalde e Menem do PJ (Partido Justicialista) e Da Rua da UCR (União Cívica Radical), assassinos de dezenas de operários combativos como os 40 mártires do 20 de dezembro de 2001, ou os piqueteiros massacrados nas rotas como Teresa Rodríguez, Aníbal Verón, Víctor Choque, Kostequi e Santillán, como também o assassino do mestre Fuentealba, Sobisch, gozam de liberdade e impunidade absoluta. Tal como a casta de oficiais genocida da ditadura militar que desapareceram a 30.000 jovens operários e estudantes, quem foram salvados pela justiça patronal mandando a um punhado de milicos já idosos a countries (Bairros Privados) e cárceres *vip*.

Cúmplices deste massacre patronal são as burocracias da CGT e a CTA e suas bandas de matones e pistoleiros –ao melhor estilo da Triple A (Aliança Anticomunista Argentina) de Perón, Isabelita e López Rega- que depois de impor as demissões e suspensões a centos de milhares de trabalhadores junto à burocracia piquetera dividem as filas operárias, enquanto entregam o salário com suas paritárias (acordos salariais) de fome e garantem que tenha milhões de desempregados. Este é o Bicentenário de Cristina Kirchner e a oposição gorila da burguesia agrária dos Macri, Carrio, Cobos, etc., verdadeiros entregadores da nação ao imperialismo e assassinos de operários!

Esta é a "democracia" dos patrões escravistas e seus partidos como o PJ e a UCR, continuadores dos massacradores da classe operária como os Varela, Falcón, Camps e Videla! Esta é a "democracia" que homenageou ao assassino de Alfonsín, massacrador de operários nos levantamentos da fome! Abaixo a arqui-reacionaria Constituição de 1853/1994! Abaixo o regime infame do Pacto Social! **Basta! A classe operária deve pôr-se de pé! Viva a legítima defesa dos operários e a juventude ante a sangrenta repressão do Estado assassino! Viva a revolta valente da juventude operária!** Fora a polícia comandada pelo governador de Rio Negro Saiz, o intendente Cascón e a patronal escravista, e a gendarmería (Polícia Militar) enviada pelo governo anti-operário dos Kirchner! Desmantelamento de todas as forças repressivas do Estado e sua substituição por comitês de vigilância operários, populares e estudantis!

Expropriação sem pagamento e sob controle operário de todos os monopólios imperialistas saqueadores da nação, suas propriedades, terras, bancos e empresas de turismo! 4 horas de estudo e 4 horas de trabalho pagadas pela patronal e o Estado para toda a juventude trabalhadora! **Basta! Há que deter a repressão! Os trabalhadores e jovens do Barrio Boris Furman e de todo El Alto não podem ficar isolados! Por uma coordenadora das organizações operárias e estudantis combativas de Rio Negro para impor a Greve Geral estadual!**

Chamamos a todas as organizações operárias e de estudantes combativos a organizar mobilizações, cortes de ruas, paralisações, piquetes, assembléias, etc., e todo tipo de ações de solidariedade que permitam frear a repressão. Esta é uma tarefa de todo o movimento operário, dos trabalhadores empregados e desempregados! Que todos os setores em luta, as organizações operárias combativas de todo o país, as comissões internas, os corpos de delegados e seccionais arrancadas das mãos da burocracia, o movimento piquetiero e as organizações de estudantes combativos e secundários em luta, enviem delegações aos bairros operárias do El Alto no Bariloche para organizar a autodefesa operária e unificar as lutas por salário, trabalho, contra o saque imperialista e a repressão num só reclamo! Uma só classe, uma só luta! **Há que pôr em pé comitês de autodefesa das organizações operárias e combativas, e preparar e organizar a Greve Geral, para achatar a repressão da reação e do governo assassino dos Kirchner!**

Convoquemos já mesmo à III Assembléia Nacional Piqueteira de trabalhadores empregados e desempregados! Basta de perseguir aos que lutam! Liberdade imediata a "Tyson Fernández de Tartagal, Roberto Martino do FAR-MTR, José Villalba e restantes presos políticos! Liberdade aos lutadores presos de Andalgalá! Abaixo os falsos juízos contra Beica, Saubolard, Villalba, Berta González, Esteche, Gómez, etc.! Anulação dos processos de todos os lutadores operários e populares! Aparição com vida de Julio López e Luciano Arruga! Nenhuma confiança na justiça patronal! Fora as mãos da Igreja e todas as mediações! Por tribunais operários e populares para castigar e julgar aos assassinos de ontem e de hoje!

LOI-QI / Democracia Obrera
19-06-2010